



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS CLÓVIS MOURA
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS



GRAZIELLE APARECIDA ALVES DA SILVA

**A MARGINALIZAÇÃO FEMININA EM *UMA VIDA EM SEGREDO*, DE AUTRAN
DOURADO**

TERESINA
2025

GRAZIELLE APARECIDA ALVES DA SILVA

**A MARGINALIZAÇÃO FEMININA EM *UMA VIDA EM SEGREDO*, DE AUTRAN
DOURADO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do Piauí –
Campus Clóvis Moura, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em Letras
Português.

Orientadora: Profa. Mestra Solange da Luz
Rodrigues

TERESINA
2025

S586m Silva, Grazielle Aparecida Alves da.

A marginalização feminina em Uma vida em segredo, de Autran
Dourado / Grazielle Aparecida Alves da Silva. - 2025.
98f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Curso de Licenciatura em letras Português, Campus Clóvis
Moura, Teresina - PI, 2025.

"Orientador: Profa. Ma Solange da Luz Rodrigues".

1. Uma Vida em Segredo. 2. Marginalização Feminina. 3. Normas
de Gênero. 4. Patriarcado. 5. Literatura Brasileira. I. Rodrigues,
Solange da Luz . II. Título.

CDD 469.02

GRAZIELLE APARECIDA ALVES DA SILVA

**A MARGINALIZAÇÃO FEMININA EM *UMA VIDA EM SEGREDO*, DE AUTRAN
DOURADO**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do Piauí –
Campus Clóvis Moura, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciada em Letras
Português.

Aprovada em: 22 /01/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Mestra Solange da Luz Rodrigues – orientadora

Profa. Especialista e Mestranda Ludimila Silva de Almeida – UFMA 1º Examinadora

Profa. Dra. Lúcia Maria de Sousa Leal Nunes – UESPI 2º Examinadora

Com muito amor, dedico este trabalho aos meus pais: Clemilda e Raimundo. Obrigada por sempre acreditarem em mim. Sou grata por terem sido meus maiores incentivadores durante esse longo caminho. Amo vocês imensamente!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter permitido que eu chegasse tão longe. Ele, que sempre é o meu refúgio em meio às dificuldades da vida.

Aos meus pais, que me proporcionaram oportunidades que eles não tiveram. Sou grata por todo esforço, incentivo e amor.

À minha irmã, Linda Inês, por ser minha confidente e conselheira fiel. Minha referência de determinação.

Às minhas amigas do curso: Bianne, Josnayra e Lígia, por tornarem a graduação mais leve, compartilhando os surtos, risadas e conhecimento. Obrigada por me ajudarem a suportar o processo.

À professora Dra. Shirlei Marly Alves, por ter me dado a oportunidade de participar de uma Iniciação Científica. Foi através dessa experiência que descobri o meu amor pela literatura.

À minha querida orientadora, Professora Mestra Solange da Luz Rodrigues, por ser tão solidária e paciente. Obrigada por ter me apresentado essa temática tão necessária: a marginalização da mulher na literatura.

À Professora Dra. Lúcia Maria de Sousa Leal Nunes, pela paciência e pelas contribuições.

Ao Universo, que me mostra que sou capaz de realizar todos os meus sonhos.

“A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.”

(O Direito à Literatura, Antonio Candido)

RESUMO

A presente pesquisa aborda a construção da marginalização feminina na obra *Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado. O tema é relevante por dar visibilidade à questão social da marginalização da mulher e expor os impactos das normas opressoras sustentadas pelo sistema patriarcal. O objetivo geral é analisar a marginalização da mulher no contexto do (Neo)regionalismo, destacando as formas de resistência feminina diante das normas sociais opressivas. Este estudo se apoia nas contribuições teóricas de Lerner (2019), Friedan (1971), Hooks (2018), Alves e Pitanguy (1985), Chiappini (2014), Antonio Candido (2000), Brito (2017) e Araújo (2008). Quanto à metodologia, Paiva (2019) aponta que se trata de uma pesquisa de natureza básica, pois tem como propósito ampliar o conhecimento científico sem necessariamente solucionar problemas da vida prática. A abordagem é qualitativa, com fontes bibliográficas que incluem análises de textos literários e teóricos. Essa metodologia permitiu identificar, na narrativa *Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado, normas e valores culturais que promovem a marginalização da personagem Biela, como as imposições de papéis de gênero e as expectativas sociais voltadas às mulheres. Conclui-se que, na narrativa *Uma Vida em Segredo*, a exclusão social da mulher ocorre como consequência da sua resistência em se adequar às normas de gênero impostas por uma sociedade patriarcal, que reforça expectativas sociais limitadoras.

Palavras-chave: *Uma Vida em Segredo*; marginalização feminina; normas de gênero; patriarcado; literatura brasileira.

ABSTRACT

This research examines the construction of female marginalization in the novel *Uma Vida em Segredo* by Autran Dourado. The topic is important because it highlights the social issue of women's marginalization and reveals the impact of oppressive norms maintained by the patriarchal system. The main objective is to analyze the marginalization of women in the context of (Neo)regionalism, focusing on forms of female resistance to oppressive social norms. The study is based on the theories of Lerner (2019), Friedan (1971), Hooks (2018), Alves and Pitanguy (1985), Chiappini (2014), Antonio Candido (2000), Brito (2017), and Araújo (2008). The methodology, as described by Paiva (2019), classifies this as basic research, aimed at expanding scientific knowledge without directly addressing practical problems. The approach is qualitative, using bibliographical sources, including analyses of literary and theoretical texts. This method helped identify, in *Uma Vida em Segredo*, cultural norms and values that marginalize the character Biela, such as the imposition of gender roles and restrictive social expectations for women. The study concludes that the social exclusion of women in *Uma Vida em Segredo* results from their resistance to conforming to patriarchal gender norms, which enforce limiting social expectations.

Keywords: *Uma Vida em Segredo*; female marginalization; gender norms; patriarchy; Brazilian literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O PATRIARCADO COMO ESTRUTURA DE DOMINAÇÃO	16
2.1 Origem e definição do patriarcado	16
2.2 O patriarcado na história	18
2.1.2 A mística feminina e a alienação das mulheres.	22
2.1.3 O papel da mídia no patriarcado	24
2.1.4 Reflexões sobre <i>Uma Vida em Segredo</i>	28
3 O FEMINISMO EM CONFRONTO COM A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA PATRIARCAL	30
3.1 Definição de feminismo	30
3.2 O papel da mídia e da educação na disseminação feminista.....	32
3.2.1 Feminismo e violência patriarcal	35
3.3. Reflexão final sobre o feminismo e a desconstrução do patriarcado	37
4 REGIONALISMO E NEORREGIONALISMO NA LITERATURA.....	39
4.1 Definição e características do Regionalismo	39
4.1.1 O Neorregionalismo literário e suas características	44
4.1.2 O (Neo)regionalismo em <i>Uma Vida em Segredo</i>	46
5 VOZES SILENCIADAS: A MULHER ENTRE O PATRIARCADO E O NEO(REGIONALISMO) LITERÁRIO	49
5. 1 Subordinação e silenciamento: marginalização de Biela no contexto patriarcal	49
5.2 Papéis de gênero e submissão	57
5.3O espaço na construção da marginalização de Biela	70
5.4Memória e Identidade.....	78
5.5 Resistência feminina: silêncio e subversão	82
5.6 Confronto com normas sociais.....	83
5.7 A temática da mulher no regionalismo literário.....	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	97

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema a construção da marginalização feminina em *Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado. Acreditamos que se trata de uma temática relevante, pois é uma forma de dar visibilidade a uma questão social: a marginalização da mulher. É um meio de trazermos à tona os problemas que o sistema patriarcal causa através das normas opressoras.

Discutiremos alguns conceitos necessários para compreensão do tema. Dentre eles: patriarcado, feminismo, gênero, papéis de gênero, Regionalismo e Neorregionalismo, dentre outros. O patriarcado é um sistema que foi formado ao longo da história e que tem como principal característica a dominação masculina, ou seja, os homens assumem o papel de controladores das mulheres, em termos de sexualidade, reprodução e mão de obra trabalhista. O feminismo é um movimento que foi construído para acabar com a opressão, independente do sexo do opressor.

“Gênero” é um termo que está associado à classificação de pessoas de acordo com suas características sociais, culturais e psicológicas, que incluem determinados papéis, regras, comportamentos e identidades relacionadas ao sexo masculino e ao feminino. Normas de gênero são regras que estabelecem como deve ser o comportamento, os papéis e expectativas de cada pessoa.

O Regionalismo é um movimento literário que tem como objetivo representar as particularidades de uma determinada região e os costumes de certa cultura. Aborda questões que envolvem a identidade e problemáticas sociais presentes em certas regiões do país, que ilustram diferentes contextos históricos. O Neorregionalismo literário é considerado uma nova tendência regionalista. Apresenta algumas especificidades, porém retoma algumas características oriundas do Regionalismo, mas se difere, pois apresenta as exigências das transformações sociais.

O Neorregionalismo é uma tendência literária que faz parte da nossa literatura contemporânea e opera como uma extensão do Regionalismo. No entanto, apresenta algumas transformações nas características do Regionalismo do século XX. As características foram adaptadas em meio aos avanços que a sociedade passou. Dentre essas particularidades; a autonomia das personagens femininas; o espaço e a memória.

Como problema de pesquisa, apresentamos a seguinte questão: De que forma a obra *Uma Vida em Segredo*, sob a perspectiva do (Neo) regionalismo, retrata a

marginalização social da mulher e as nuances da sua resistência em um contexto de opressão social e cultural? Diante dos conceitos apresentados, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar como a obra *Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado, retrata a marginalização da mulher dentro do contexto do (Neo) regionalismo, evidenciando as nuances da resistência feminina frente às normas sociais opressoras. Como objetivos específicos: Identificar as normas sociais e os valores culturais presentes na obra que contribuem para a marginalização da personagem Biela; examinar como a linguagem literária de Autran Dourado, característica do (Neo) regionalismo, contribui para a construção da subjetividade feminina e a denúncia da opressão social; investigar as diferentes formas de resistência que Biela apresenta ao longo da narrativa, mesmo que de forma silenciosa ou sutil; contextualizar a obra dentro do movimento regionalista, estabelecendo relação com outra obra que aborda a temática da mulher.

Realizamos um levantamento bibliográfico em bancos de dissertações e teses da CAPES e percebemos que há poucos estudos sobre a narrativa *Uma Vida em Segredo*. Portanto, a pesquisa é relevante, pois apresenta informações que ajudam na compreensão de como ocorre a desigualdade de gênero, no contexto do patriarcado. Além de trazer à tona uma discussão tão necessária como a marginalização da mulher. Trata-se de uma temática que consideramos complexa, mas necessária de ser discutida e que nos encanta, pois através de discussões como esta podemos refletir sobre papel da mulher no passado e compreender o nosso presente.

O diferencial deste estudo está relacionado a temática, uma vez que a obra foi analisada sob a perspectiva da marginalização social, que a personagem Biela enfrenta. Esperamos que esta pesquisa possa servir de incentivo para construção de outras pesquisas, a fim de evidenciar as vozes femininas que foram silenciadas ao longo da história do patriarcado.

A respeito da metodologia adotada, de acordo com Paiva (2019) trata-se de uma pesquisa de natureza básica, pois tem como propósito ampliar o conhecimento científico, sem necessariamente solucionar problemas da vida prática. Quanto à abordagem adotada, é qualitativa. A fonte dos dados é bibliográfica. Diante dos objetivos propostos, é classificada como descritiva. Em relação ao método utilizado para construção do *corpus*, realizamos resenhas e resumos de materiais que estão

disponíveis na internet, dentre eles artigos e dissertações. Além disso, fizemos fichamentos dos textos para uma melhor compreensão do conteúdo.

Utilizamos como arcabouço teórico as contribuições de Gerda Lerner (2019), Friedan (1971), Bell Hooks (2018), Pintanguy e Alves (1985), Chiappini (2014), Antonio Candido (2000), Brito (2017) e Araújo (2008). Este trabalho está organizado mediante esta introdução, no capítulo I intitulado “o patriarcado como estrutura de dominação”, apresentaremos a definição de patriarcado e como ocorre o seu funcionamento como um sistema de dominação. No capítulo II, nomeado “o feminismo em confronto com a manipulação da mídia patriarcal”, discutiremos a definição de feminismo e como a mídia prejudica na disseminação feminista ao repassar informações errôneas para a sociedade. No capítulo III, denominado “Regionalismo e Neorregionalismo na Literatura”, apresentaremos a definição e características do Regionalismo e do Neorregionalismo, além de descrevermos as diferenças e semelhanças entre ambos. No capítulo IV, que tem por título “vozes silenciadas: a mulher entre o patriarcado e o Neo (regionalismo) literário”, apresentaremos a análise que realizamos da obra *Uma Vida em Segredo* e descreveremos como ocorre a marginalização da personagem Biela, no contexto patriarcal.

Abordaremos brevemente nesta introdução uma síntese de *Uma Vida em Segredo*, a fim de situá-los no enredo da narrativa. Essa obra, de autoria de Autran Dourado, foi publicada em 1964, com enredo ambientado em Minas Gerais. É uma das obras mais conhecidas do autor, a qual consiste em uma novela dividida em seis capítulos. O narrador discorre sobre a trajetória de Biela. A jovem chega à cidade de maneira desajeitada e sem elegância. A personagem nasceu na roça, mais especificamente na Fazenda do Fundão, interior de Minas Gerais.

Após a morte de seu pai, Juvêncio, Biela vai morar na cidade com seu primo por parte do pai, Conrado. Ele se torna o responsável legal de Biela. O personagem fica encarregado de administrar os negócios da jovem, já que ela herdou a fazenda de herança.

A família de Conrado fica ansiosa com a ideia de a prima morar com eles, especialmente Constança, esposa de Conrado. Entretanto, se decepcionaram ao encontrar Biela, pois ela se veste e tem costumes do interior. Por essa razão, consideram a personagem fora dos padrões.

Biela cresceu sem ter uma figura feminina por perto, pois sua mãe morreu durante a sua infância. A jovem foi criada pelo pai, um homem que o narrador

descreve que apresentava ataques de raiva. Por ter crescido na roça, isolada de interações, Biela não é um exemplo de feminilidade. Não é uma moça delicada como Constança gostaria que ela fosse. Quando chega à cidade, percebe os olhares de julgamento da família e se sente triste com isso. Durante o jantar em família, Biela passa vergonha por não saber comer de garfo e faca. Constança percebe a falta de modos e decide tentar transformá-la.

A esposa de Conrado foi criada na cidade, acostumada desde cedo com as normas de gênero, mas Biela não. Constança decide modificar o estilo de Biela em uma tentativa de torná-la mais apresentável à sociedade. Ela impõe à moda da cidade, Biela, inicialmente, aceitou essa transformação, apesar de não querer. Constança e a prima vão às compras de novos vestidos. Quando Biela veste as peças não se sente confortável. Ela percebeu que estava perdendo a sua identidade, mas aceitou a mudança por ter uma feição pela Constança. Entretanto, não consegue se adaptar a essa mudança. Esse ato de Constança foi uma tentativa de fazer Biela se encaixar nos padrões de gênero impostos pela sociedade patriarcal.

Constança nota que Biela não está se adaptando bem à mudança e passa a cogitar um casamento para ela. A personagem ficou encarregada de servir café em jogos que ocorriam na casa do primo. A partir desse momento, Constança percebe que ela e um rapaz, denominado Modesto, trocam olhares e percebeu que, se ela ajudasse, poderia acontecer um casamento. Seu Zico, pai do rapaz, foi até a casa de Conrado pedir autorização para casar o filho com Biela. O primo avisou que iria primeiro conversar com a jovem. A moça aceitou apenas para agradar os primos. No entanto, não era de sua vontade casar. O casamento não chegou a ser realizado, pois Modesto viajou para outra cidade e não voltou mais.

Diante do abandono, Biela fica ressentida e decide parar de usar os vestidos que estava usando, afinal estava imitando Constança. Ela voltou a se vestir com os mesmos vestidos que usava antes de chegar à cidade. Além disso, passa a ajudar os empregados em alguns serviços e desenvolve uma amizade com eles. Quando percebe que precisa modificar sua identidade para ser bem vista socialmente, decide se isolar por completo da família e se muda para um quartinho, que fica nos fundos da casa. A personagem passa a interagir somente com Mazília, filha de Conrado, pessoa pela qual ela desenvolve um afeto, e com os empregos da família, Joviana e Gomercindo.

Constança percebe que não tem como mudar a identidade de Biela e decide passar a ignorar suas atitudes. A protagonista passa a desenvolver amizades com os empregados de outros membros da sociedade e faz serviços em troca de alguns trocados, mesmo sendo herdeira de posses. Com o passar do tempo, Biela começa a sentir o peso da idade e desenvolve problemas de saúde. Sente dores no joelho por conta de um reumatismo e passa a tossir bastante. Suas amigas, que ela chama de comadres, a incentivam a buscar ajuda médica, mas ela se recusa, pois acredita ser apenas uma gripe. Entretanto, pela descrição que o narrador faz, interpretamos que se tratava de uma tuberculose.

A personagem gosta de fazer visitas aos criados com quem fez amizade. Certo dia, voltando para casa, percebeu que estava sendo seguida por um cachorro. Ela nota que ele estava abandonado e acaba adotando-o e dá o nome de Vismundo. Ambos desenvolvem uma relação de amor e afeto que Biela não teve com nenhuma pessoa. Ele se tornou seu confidente. Ela passa a acreditar que nunca mais estaria sozinha, pois tinha conseguido um companheiro.

Biela piora drasticamente, mas continua sem se importar, contudo, a tosse se agrava e junto dela uma dor no estômago. A protagonista acredita que não era necessário buscar um médico, já que na Fazenda do Fundão ela se tratava com remédios do mato. O seu quadro de saúde foi piorando cada vez mais até que Constança percebe o seu estado e decide que não iria mais respeitar suas vontades, afinal ela precisava de cuidados médicos urgentemente. Biela foi levada para a Santa Casa, nos primeiros dias teve uma melhora significativa, porém depois voltou a piorar, foi quando pediu para levarem o Vismundo até ela. Biela ficou tão feliz que voltou a sentir vontade de viver.

O primo Conrado foi lhe visitar e pediu para ela assinar seu testamento. Seu caso foi se agravando até que o médico percebeu que não tinha mais solução e mandou chamar o padre Joel para preparar o corpo da moça. A narrativa se encerra com a morte da protagonista.

CAPÍTULO I

2 O PATRIARCADO COMO ESTRUTURA DE DOMINAÇÃO

Neste capítulo da pesquisa, iremos descrever a origem e a definição do patriarcado e como ocorre o seu funcionamento como um sistema de dominação. Além de destacarmos como ele ocorreu em contextos históricos distintos. Consideramos uma temática pertinente em nossa sociedade. O patriarcado como sistema de dominação masculina exerceu influência sobre as estruturas de poder, da década de 1930 e afetou a representação das mulheres na literatura. A partir das normas culturais e ideológicas do patriarcado, é possível identificarmos os mecanismos ideológicos que sustentam a subordinação e marginalização das mulheres.

Discutiremos também sobre a mística feminina e a alienação de mulheres e o papel da mídia no patriarcado. Além disso, iremos apresentar brevemente como o patriarcado se apresenta na obra *Uma Vida em Segredo*. Utilizamos como arcabouço teórico as contribuições de Lerner (2019) e de Friedan (1971) para a construção deste capítulo teórico. As autoras discutem como esse sistema foi criado ao longo da história e o modo como ele se torna uma forma de opressão para as mulheres.

2.1 Origem e definição do patriarcado

O patriarcado é um sistema que foi formado ao longo da história e que tem como principal característica a dominação masculina, ou seja, os homens assumem o papel de controladores das mulheres, em termos de sexualidade, reprodução e mão de obra trabalhista. É importante mencionarmos que nesse sistema o que predomina não é somente o uso da força, mas também as questões ideológicas e os costumes sociais.

Dividir o trabalho de acordo com o sexo da pessoa foi um fator crucial para garantir o comando masculino. Por essa razão, as mulheres se tornaram uma espécie de “propriedade”. Na percepção de Lerner (2019, p.290) “Os papéis e o

comportamento considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis, e papéis sociais”. O patriarcado surgiu primeiramente no Estado arcaico, ou seja, em sociedades iniciais que buscavam se organizar em termos de economia e política, de modo mais centralizado. Sendo assim, essa estrutura de dominação masculina foi legitimada no decorrer do desenvolvimento dessas organizações¹.

A autora destaca a “troca de mulheres”, que corresponde a uma estratégia utilizada pela família da noiva como um meio de fazer com que os homens tivessem suas necessidades econômicas e políticas atendidas. Portanto, a objetificação das mulheres foi um elemento significativo para a construção do patriarcado. Essa subordinação que elas enfrentaram ao longo da história não ocorreu por acaso, na realidade foi um processo histórico que está relacionado à economia.

As mulheres eram desprovidas de liberdade e sofriam abusos, uma vez que os seus corpos eram tomados como posse de outros, eram controlados por outros e elas não tinham sequer o direito de escolha. Os homens tinham como função controlar a troca das mulheres, eles negociavam as regras. Outras funções que elas tinham eram de trabalhadoras, escravas sexuais e reprodutivas, ou seja, gerar filhos para os seus maridos. Era dessa forma que ocorria a subordinação das mulheres dentro do contexto patriarcal.

O patriarcado é um sistema que tem o homem como a maior posição da estrutura da dominação, e esse sistema é um fator que colabora para a construção da marginalização feminina. Durante boa parte da história, as mulheres só poderiam viver se fossem sob a proteção de um homem e fizeram elas acreditarem que não tinham uma história. Foi dessa forma que o patriarcado se formou.

¹ O Estado arcaico proporcionou o surgimento de hierarquias sociais, nas quais quem exercia o poder era a elite. Porém, essa dominação não envolvia somente a questão das classes sociais, mas também as questões de gêneros, pois nesse contexto os homens ocupavam uma posição de poder, se tornando “superiores”. Enquanto as mulheres exerciam o papel de inferiores e submissas. Os papéis concebidos às mulheres eram de reprodutoras, trabalhadoras e serviam como moeda de troca. Gerda Lerner (2019) argumenta que, ainda antes da civilização ocidental, a sexualidade das mulheres foi controlada e instrumentalizada. No período Neolítico, o desenvolvimento da agricultura incentivou a “troca de mulheres” entre tribos, não apenas para consolidar alianças e evitar conflitos, mas também porque sociedades com mais mulheres podiam gerar mais filhos, promovendo maior produtividade. A autora menciona que, antes da civilização ocidental, as mulheres já eram consideradas mecanismos sociais e econômicos. A capacidade das mulheres de reproduzir foi explorada pelos homens desse contexto histórico. Elas foram controladas por esse grupo para que eles atingissem os próprios interesses. No período Neolítico, a agricultura se tornou a principal atividade realizada pela sociedade, o que ocasionou diversas mudanças sociais. A população passou a ocupar determinadas regiões e surgiu a necessidade de aumentar a mão de obra trabalhista. Como as mulheres tinham a capacidade de reproduzir, acabaram se tornando responsáveis pelo crescimento demográfico da população.

2.2 O patriarcado na história

Em 1750 a.C., as mulheres eram usadas como moeda para as famílias melhorarem seu status social. As jovens eram exploradas por suas famílias, e o casamento era uma troca econômica². Esse fator expressa os valores vigentes e a ideologia presente na sociedade. As mulheres não tinham direito de escolha, elas não podiam decidir o próprio futuro, estavam limitadas a serem esposas, mães, trabalhadoras e escravas sexuais dos homens. Utilizadas como moeda de troca para garantir que os parentes se tornassem membros de uma classe social mais elevada. É importante mencionarmos que a escravização desse grupo ocorria por conta da sua capacidade reprodutiva. Por isso, ocorria essa comercialização da sexualidade delas³ Lerner (2019, p. 290).

² Filhas de homens pobres podiam estabelecer o valor da noiva, pago pela família do noivo, o que frequentemente ajudava a família da noiva a assegurar casamentos vantajosos e a melhorar sua situação econômica. As jovens de famílias com pouco poder aquisitivo eram vendidas para se casar, ou, em alguns casos, eram forçadas a se prostituir para garantir o sustento dos familiares. Esse “preço da noiva” está relacionado a uma determinada quantia em dinheiro que a família do pretendente ofertava à família da noiva. Essa estratégia utilizada pela sociedade dessa época era uma forma de ascender socialmente. Além disso, o papel social que as mulheres exerciam era de servir de transações em casamentos, enquanto os homens comandavam essas negociações. Além disso, elas também tinham o papel de esposa “substituta”. No entanto, essa função era atribuída às mulheres que pertenciam à elite. Nesses casos, elas desfrutavam de certos privilégios, mas para isso ocorrer deveriam ter um relacionamento com homens que pertenciam à elite. Além disso, precisavam ter um bom desempenho sexual para conseguir obter privilégios. Quando uma mulher não conseguia satisfazer o homem, em termos de desempenho sexual e capacidade reprodutiva, logo era substituída por outra (Lerner, 2019).

³ A exploração sexual é um ponto crucial que ajuda a compreender a estrutura de subordinação do patriarcado. Lerner (2019) descreve que, durante os séculos XIX e XX, as mulheres eram vítimas desse tipo de exploração e subordinação econômica. Essa violência ocorria especialmente em lares burgueses da Europa. Em outras palavras, as mulheres eram escravas sexuais. Dependendo do desempenho sexual, poderiam deixar de serem escravas para se tornarem oficialmente esposas, e assim atingirem o prestígio social perante a sociedade. Isso lhe concedia direitos e propriedades. Os homens que detinham o poder nesse contexto histórico e eles que dominavam, não somente as mulheres, mas também os filhos das mulheres que eram exploradas. Além de terem a sexualidade explorada, elas ainda tinham que lidar com a exploração dos próprios filhos. Os rapazes eram feitos de trabalhadores, trocados em casamentos e em alguns casos, vendidos como escravos. Em relação às mulheres solteiras, eram marginalizadas, pois dependiam da proteção de uma figura masculina. A opressão ocorria através dessa exploração sexual das mulheres, que se tornou uma espécie de mercadoria para os homens. Através delas, eles obtiveram diversas vantagens em benefício próprio. Em épocas distintas, o patriarcado se manteve firme até mesmo em locais diferentes. Quando se trata do contexto oriental, esse sistema se pautava na poligamia e diversas mulheres eram presas em haréns, mas quando se trata do contexto da Antiguidade Clássica suas características mudaram. Nessa época, a monogamia se fez presente.

Um aspecto tão íntimo e pessoal quanto a sexualidade feminina era explorado por homens que buscavam alcançar poder. As mulheres, ao longo do tempo, sofreram com a ausência de liberdade. Na contemporaneidade, esse aspecto melhorou comparado ao passado. No entanto, as mulheres ainda são desprovidas de liberdade quando comparadas aos homens. Por essa razão, a história é repleta de luta por liberdade e por emancipação, essa foi uma necessidade que as mulheres precisaram enfrentar, mas quanto aos direitos conquistados, esse grupo ainda enfrenta um atraso em relação aos homens.

É fundamental citarmos que as mulheres da elite tinham como privilégio o acesso à educação. No entanto, como a dominância masculina era muito forte. Essa educação que esse grupo recebeu quase não teve efeito. Consideramos importante destacar que ocorreu uma mudança significativa em relação ao direito das mulheres. Atualmente, ocorre certa “vantagem” dentro desse sistema patriarcal. Antes, as mulheres eram forçadas a se casar, eram obrigadas a gerar filhos, porém, na contemporaneidade, isso se tornou uma escolha pessoal. Quanto mais uma mulher apresenta poder, mais ela consegue ter um controle maior sobre sua vida.

Lerner (2019) frisa que mudanças melhoram a condição das mulheres, sabemos que atualmente não é mais assim que os casamentos funcionam, através da compra da noiva. Porém, as mudanças e os direitos que as mulheres vêm conquistando não mudam completamente o patriarcado. Sobre esse aspecto, a autora mencionada cita que o sistema patriarcal só funciona se as mulheres cooperarem com ele. Essa cooperação ocorre de maneira inconsciente, quando elas são negadas de conhecerem a própria história, a ausência de educação, dentre outros fatores. Ao internalizar que são inferiores, elas próprias aceitam essa subordinação. Por isso, se faz necessário buscarmos conhecer a história do patriarcado e da luta feminista.

As mulheres foram ensinadas desde a infância que o seu propósito era contribuir economicamente com a família e aceitar o marido que lhe fosse escolhido, sem questionar. É significativo apontarmos que, quando uma jovem decidia se impor, esse ato era considerado uma transgressão e a mesma era torturada até a morte.

O patriarcado ainda se faz presente na sociedade contemporânea. Por essa razão, enquanto mulheres, devemos encontrar meios para nos libertarmos dessa subordinação, uma vez que agora temos direito à educação. Além disso, para que essa emancipação ocorra, é imprescindível buscarmos transformar a nossa

consciência e conhecer a nossa história de luta por direitos, afinal foi essa ausência de conhecimento que fez com que o sistema patriarcal fosse aceito.

Esse sistema moldou normas sociais presentes em narrativas literárias. A obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, publicada em 1930, introduziu uma nova perspectiva para os romances brasileiros, ao abordar temas como a dominação patriarcal e a estrutura capitalista, além de apresentar um protagonista que trata os demais personagens com pouco valor e suas relações são moldadas de forma utilitarista.

A obra discute espaços que representam o país mediante as revoluções e as transformações políticas e ideológicas da época. A obra *São Bernardo* apresenta uma forte dimensão social e aborda assuntos relevantes do passado que ainda são presentes no Brasil. O meio social afeta a sociedade, e as mudanças políticas que destacam a luta por poder e dinheiro refletem um protagonista atormentado por conflitos de sua ascensão social.

O capitalismo é um elemento central na narrativa. O narrador descreve a modernização durante a industrialização do país. Paulo Honório possui características que interferem na sua história e nas suas relações. Seu desejo de adquirir a fazenda São Bernardo mostra suas estratégias de manipulação para conseguir o que almeja. Madalena é uma personagem complexa e à frente do seu tempo. Uma professora instruída, resiliente, idealista, humanista e delicada. Ela tentou fazer com que o marido se tornasse mais humano e empático, porém fracassou. Em decorrência do ciúme possessivo que o marido sentia, ela encontra um triste fim.

A obra aponta normas patriarcais e destaca momentos de autonomia feminina. O enredo aborda como os homens dominavam pela força e pelo psicológico. A personagem sofre com as pressões sociais do patriarcado. Ela representa a luta contra essa opressão.

Nesse mesmo sentido, a narrativa *Uma Vida em Segredo*, manifesta essa estrutura de dominação patriarcal. Uma vez que a protagonista do enredo vivencia a experiência de ter um casamento arranjado. Esse fato expressa o controle masculino sobre as escolhas femininas. Biela não queria se casar, não era da sua vontade, isso não fazia parte dos seus sonhos. Entretanto, ela aceita o pedido para não desagradar à família. Esse acontecimento manifesta a cultura da época, os casamentos eram arranjados e a moça que se recusasse não era bem vista na sociedade.

Um ponto relevante é que Biela tem o direito de escolha, seu primo não aceita o pedido de imediato, ele pede para que a esposa consulte a prima primeiro, mas isso ocorre porque ela é órfã de pai. Mesmo diante disso, Biela se sente pressionada pelas pessoas que insistem em saber sua resposta. Por conta da pressão social, acaba cedendo e aceita o pedido. Esse aspecto expressa os valores da sociedade da época, ser solteira era considerado algo ruim, as mulheres deveriam se casar e viver em prol do lar.

Outro aspecto significativo é a dependência de Biela em relação ao primo. Mesmo sendo proprietária de uma fazenda e dona de posses, ela depende do primo para gerir seus negócios. Lerner (2019, p. 294) ressalta: “mas a grande maioria de mulheres solteiras é, por definição, marginalizada e depende da proteção de parentes homens.” Dentro dessa perspectiva, a narrativa analisada representa essa peculiaridade, visto que Biela é uma mulher solteira que, após perder o pai, depende dos cuidados e proteção do primo Conrado. Ele fica responsável não somente pela guarda da prima, mas também administra todo o dinheiro dela. Essa questão se prolonga do início ao fim da narrativa, desde o princípio até o desfecho do enredo, ele é quem cuida dos negócios dela, pois ela não tem interesse em assumir o comando. Isso manifesta a perpetuação da subordinação feminina.

A personagem resiste de maneira silenciosa ao sistema patriarcal. Antes de ir morar com o primo, ela vivia no meio rural e foi criada em outra cultura. Quando ela chega à cidade, Constança, a esposa de Conrado, tenta mudar o jeito da moça, a maneira de se vestir, os modos e os costumes. A princípio, Biela satisfaz as vontades dela e busca se encaixar nesse novo espaço. A moça passa a ter Constança como uma “inspiração”, busca imitar seu penteado e suas vestimentas. No entanto, não obteve sucesso, ela não conseguiu se adaptar a essa mudança. Passou a enfrentar diversos conflitos internos, pois sentia uma sensação de não pertencimento ao espaço em que foi inserida.

A sensação de não pertencimento à cultura do povo da cidade causava angústia na personagem. No começo da narrativa, ela aceita tudo o que lhe é proposto em silêncio. Sofreu ao tentar se encaixar em um padrão a qual não pertencia, mas no decorrer da história ela cria vínculos com os criados que apresentam a mesma cultura que ela. Em consequência, a sua autonomia vai sendo desenvolvida e passa a reconhecer que tem o direito de ser quem deseja. A partir desse momento, começa a ter pequenas atitudes que fazem a diferença para o desenrolar da obra. Biela é uma

personagem coerente que primeiro é silenciada e vítima das opressões sociais do patriarcado, porém depois passa a lutar para defender o seu mundo interior e suas crenças. São as pequenas nuances da narrativa que nos fazem captar esses gestos quase imperceptíveis. Aos poucos ela vai se mostrando e revelando a sua verdadeira essência.

2.1.2 A mística feminina e a alienação das mulheres

A jornalista norte-americana Betty Friedan (1971) aborda a opressão feminina na obra *A Mística Feminina*, na qual destaca que as normas culturais criaram um sistema de pressões sociais que resultou em mulheres aprisionadas em determinados papéis, reduzidas, por exemplo, à condição de esposa e mãe. A autora retrata como era a sociedade americana naquela época. Aborda o papel das mulheres na época em que a obra foi escrita. As funções das mulheres eram cuidar do marido e não deixá-lo morrer jovem, além de cuidar dos filhos para que não se tornassem marginais.

Uma mulher feminina não buscava seguir uma carreira e muito menos buscava uma educação mais ampla. Nesse contexto histórico, as mulheres acreditavam que só iriam se realizar ao se tornarem esposas e mães. Elas foram ensinadas a pensar assim. Esse aspecto da mística feminina é semelhante à ideia defendida pelo patriarcado de que as mulheres devem servir ao marido e ao lar. Essa ideia que a mística propagou tem raízes patriarcais, cujo sistema tem o homem como dominador e autoritário e a mulher como submissa e inferior.

A diferença da mística feminina que Friedan (1971) retrata e o patriarcado que Lerner (2019) descreve é que na mística que ocorre na sociedade americana, as mulheres não eram vendidas, elas não serviam como “moeda de troca”. Na mística, as próprias mulheres que buscavam se casar, é uma realização, um sonho delas, mas que na realidade diz respeito a um costume da sociedade. As mulheres, desde a infância, eram instruídas a se tornarem esposas e mães. Então, esse “desejo” é na verdade um reflexo das expectativas que a própria população cria em relação aos papéis delas. Friedan (1971, p.18): “As meninas começaram a namorar firme aos doze ou treze anos”.

Aos doze e treze anos, as meninas começaram a namorar, ou seja, crianças sem nenhum entendimento sobre relacionamento já se relacionavam nessa idade, e as famílias das jovens tinham conhecimento disso. Posteriormente, as meninas foram

crecendo e acabaram se casando e se restringindo ao papel de esposa e mãe. Poucas trabalhavam nessa época, segundo a autora mencionada. Quanto às que trabalhavam, era com o propósito de pagar os estudos do marido e a hipoteca da casa. Essa característica da mística é muito semelhante ao patriarcado que Lerner (2019) aborda. Uma vez que as mulheres eram responsáveis pelo sustento familiar, e em alguns casos eram forçadas a se prostituir para ajudar a família.

A distinção da sociedade abordada pelas autoras é que em uma, as mulheres são obrigadas a fazer esse papel, enquanto na outra, as mulheres querem exercer esse papel de submissa e viver em função da família. Isso é o que ocorre na mística, porém foi uma consequência dos valores e crenças da sociedade. As jovens foram educadas e ensinadas que a mulher que tinha desejo de ter uma carreira acadêmica e um trabalho era egoísta e não era “feminina”. Isso criou uma alienação entre as jovens na sociedade americana. Elas passaram a competir entre si para decidir quem era a melhor. As garotas menos populares buscavam se inspirar nas mais populares para atrair a atenção dos rapazes. Embora Friedan discuta isso na sociedade americana, essas ideias estão presentes em diversas sociedades.

O único sonho de algumas mulheres era se tornar a mãe e a esposa perfeita, além de ter uma casa bonita. As mulheres americanas dessa época, que Friedan descreve, não tinham ambições ou desejos profissionais, o que expressa a cultura vigente da sociedade. Com o passar do tempo, algumas mulheres começaram a apresentar queixas aos seus psiquiatras, elas sentiam um vazio que precisava ser preenchido. Esse vazio correspondia à ausência de desejos e sonhos relacionados a elas mesmas.

A falta de vontades pessoais ocasionou nas mulheres americanas uma crise, que foi gerada em decorrência do contexto em que elas estavam inseridas. As jovens pertenciam a uma sociedade pautada no sistema patriarcal, no qual as mulheres deveriam servir exclusivamente ao marido e aos filhos, mesmo que isso significasse abandonar os seus sonhos e realizações pessoais.

As mulheres, com o passar do tempo, começaram a apresentar certa insatisfação mesmo estando vivendo uma vida confortável. Passaram a sentir uma falta de propósito, resultante da alienação na qual estavam inseridas. Friedan (1971, p. 27) “Transformamos a mulher numa criatura do sexo”, dizia um psiquiatra da clínica de orientação matrimonial Margaret Sanger. Ela não tem identidade, exceto como

esposa e mãe.” Esse trecho nos faz refletirmos sobre o papel da mulher nessa época. Elas não tinham outro propósito de vida que não incluísse a própria família.

A exploração retratada por Friedan (1971) se assemelha com a descrita por Lerner (2019), traçando um paralelo entre ambas as obras. A única diferença é que na exploração descrita por Lerner, como mencionamos anteriormente, era mais violenta, uma vez que até os filhos das mulheres eram explorados. Além disso, os casamentos eram forçados. Na sociedade que Friedan descreve, os casamentos não ocorrem dessa forma e nem há essa exploração dos filhos das mulheres, tendo em vista que se trata de um contexto histórico mais recente. Todavia, não deixa de ser uma opressão, uma vez que as mulheres são induzidas a viverem em prol da família e anularem sua identidade.

2.1.3 O papel da mídia no patriarcado

A imagem de “dona de casa feliz” foi promovida pela cultura e pela mídia. Em consequência disso, diversas mulheres passaram a acreditar que estavam plenamente satisfeitas somente com o papel doméstico. Friedan (1971, p. 34) “Na imagem da revista, as mulheres só trabalham em casa e no sentido de manter o corpo belo para conquistar e conservar o homem”. A única função das mulheres era viver para agradar o marido, caso não quisesse perdê-lo. Elas não tinham uma vida fora do meio doméstico. A esse respeito, dialogando com Hooks (2018, p.18):

Uma vez que nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura “cristã”, multidões de pessoas continuam acreditando que Deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico.

A sociedade acredita que a mulher nasceu para servir o homem, isso está presente não somente na nossa realidade, como também na ficção. A obra que escolhemos analisar retrata o casamento de Constança com Conrado, ambos não são os protagonistas do enredo, mas através dessa relação podemos compreender os valores vigentes da época. A mulher tinha como função servir o marido, ser uma boa esposa e mãe. Essa crença está enraizada na nossa sociedade, um pensamento arcaico que se formou através do sistema patriarcal.

Na sociedade patriarcal, os homens sentem o desejo de controlar suas esposas e não aceitam estar em uma posição inferior, seja em relação a um cargo ou status social. Hooks (2018) aborda que o homem tinha uma necessidade de querer dominar as mulheres, independente de elas serem brancas, negras ou indígenas, eles acreditavam que elas deveriam segui-los. Esse pensamento deu origem a uma luta por liberdade por parte das mulheres. É importante citarmos, que a autora destaca que não só homens podem ser sexistas, as mulheres também são sexistas. Fazendo um paralelo com a obra que é nosso objeto de estudo, compreendemos que a Constança, esposa de Conrado, tem pensamentos sexistas. Ela incentiva Biela a se casar contra sua vontade, um casamento arranjado, em que Biela somente aceitou para agradar os primos.

A mística feminina argumenta que o problema das mulheres é que elas tinham inveja dos homens, gostariam de exercer os mesmos papéis que eles. No entanto, sua função era servir ao seu lar e viver sob a subordinação do seu homem, e se dedicar à função de esposa e mãe. Essa mística pregava que as mulheres só poderiam se sentir realizadas ao serem dominadas pelo homem e ao viver em função dos filhos.

De acordo com o estudo realizado por Friedan (1971), em 1960 um psicólogo divulgou os dados de uma pesquisa realizada, na qual ficou comprovado que as mulheres americanas abaixo dos 35 anos não tinham o menor interesse por política. Além disso, as publicações realizadas pela mídia eram somente enaltecendo a mulher enquanto dona de casa. Percebemos que esse comportamento faz parte da estrutura de dominação da sociedade patriarcal, uma vez que Hooks (2018, p. 35) destaca:

Em todas as esferas da escrita literária e da bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebido pouca ou nenhuma atenção, uma consequência da discriminação de gênero. Notavelmente, quando o movimento feminista expôs preconceitos na composição e currículos, muitos desses trabalhos esquecidos e ignorados foram redescobertos.

Diante do trecho mencionado e relacionando as contribuições de Friedan (1971), notamos o papel da mídia nesse contexto do patriarcado. Esse meio de comunicação promoveu essa imagem de vida perfeita de dona de casa. As mulheres idealizaram essa imagem ilusória e, por conta disso, acabaram se tornando “presas” psicologicamente, apegadas à função doméstica. Em relação às mulheres que tinham

uma vida fora do lar, como uma profissão, a mídia americana se negava a divulgar, para evitar que esse tipo de comportamento influenciasse outras mulheres. O que colaborou para a construção dessa ilusória vida perfeita que deu início à mística foi o fato de que essa imagem de “dona de casa perfeita” foi escrita por homens, tanto escritores como editores de revistas.

Sabemos que uma história pode ser influenciada pelo seu narrador, no caso das histórias divulgadas pela mídia nesse contexto patriarcal, eram retratadas sob a visão masculina. Por conta disso, as narrativas insistiam que as mulheres só poderiam alcançar sua realização pessoal ao se tornarem mães. Elas não deveriam ter sonhos, não poderiam se imaginar exercendo outra função além de mãe e esposa. Por essa razão, abandonaram a Universidade e suas profissões para viver somente em função do lar.

A mística criada pela sociedade americana causou uma crise na identidade das mulheres, pois através desse fator elas foram induzidas a definir o seu valor e abdicar dos seus sonhos para viver somente o propósito do casamento, a maternidade e os deveres domésticos. Elas foram influenciadas a abandonar seus desejos e necessidades pessoais. A identidade delas ficou restrita à função doméstica, isso se configura como uma forma de opressão contra as mulheres. As americanas não conseguiam se imaginarem no futuro, elas não tinham uma perspectiva de vida além da vida doméstica.

Um ponto relevante que Friedan (1971) retrata é sobre um acontecimento de sua vida. Ela menciona que conseguiu uma bolsa de estudos para psicologia, mas acabou desistindo por conta de um namorado que afirmou que o relacionamento deles não poderia dar certo, já que ele não conseguiria uma bolsa de estudos igual à dela. Por conta disso, ela acabou desistindo do seu sonho. O contexto social analisado aponta uma estrutura patriarcal que reforça papéis de gênero desiguais.

O patriarcado se constitui como uma estrutura de dominação na qual a sociedade aceita que uma pessoa utilize do seu poder para obrigar alguém a agir contra a sua vontade, isso está relacionado às normas sociais que restringem a liberdade da mulher. Obrigar ou induzir uma mulher a abrir mão de um sonho para não se sentir em uma posição inferior a ela, também se constitui em uma violência patriarcal, o que contribui para que ocorra a marginalização da mulher.

A mística feminina ignora completamente a identidade e individualidade das mulheres. Segundo Friedan (1971), as mulheres são reduzidas e reconhecidas como

esposa de fulano e mãe de sicrano, porém ela ressalta que isso só se tornou possível, essa mística só tomou de conta da mulher americana porque ela temia encarar o vazio dentro de si. Estabelecendo uma relação com as contribuições de Lerner (2019), surge a importância de as mulheres buscarem conhecer a sua própria história e irem em busca de educação para entender os seus desejos, suas vontades e compreender que não há nada de errado em querer algo além de ser esposa e mãe.

O sistema reforça essa imagem de que as mulheres não podem ter sonhos que não envolvam a sua família e o seu lar. As jovens americanas tinham receio de fracassar igual à mãe, por conta disso, se inspiravam em garotas que consideravam populares com o objetivo de atrair homens. Não podemos culpá-las por agirem dessa forma, afinal elas foram ensinadas desde a infância que essa era a sua função e, por meio dela, iria atingir a sua realização pessoal. Consideramos válido mencionarmos que, apesar de estarmos nos referindo a um contexto histórico diferente, ainda sim na contemporaneidade é possível presenciar esse tipo de pensamento em algumas famílias mais conservadoras.

A crise na identidade das mulheres prejudicou bastante a sua realização sexual, pois quando chegavam aos 40 anos de idade, essas pessoas passavam a sentir um vazio dentro de si, a chamada crise da identidade. Elas não sabiam quem era, porém tinham a sensação de que deveriam ter se dedicado mais aos estudos.

De acordo com Friedan as teorias de Freud contribuíram para a construção desse sistema patriarcal, pois seus estudos alegavam que as mulheres só seriam realizadas por meio da maternidade e da vida doméstica. Esse tipo de pensamento gera uma sobrecarga na mulher e limita a sua identidade. Friedan (1971) ressalta que Freud apresentou contribuições significativas para a nossa cultura, mas em relação às mulheres, as teorias freudianas prejudicaram a vida americana, se tornando um dos fatores que contribuíram para a crise na identidade. Freud alegava que as mulheres que sentiam necessidade de se tornarem iguais aos homens em termos de liberdade, na verdade, sentiam que era “inveja do pênis.”

É imprescindível citarmos que não foram somente as teorias de Freud que causaram a chamada mística, diversos fatores estão relacionados, como já citamos anteriormente, dentre eles as criações produzidas por escritores, editores de publicações, estudiosos de publicidade e os divulgadores das teorias de Freud. Toda essa cultura de massa colaborou para a construção da mística e a formação do sistema patriarcal.

Consideramos significativas as contribuições de Friedan (1971) para a compreensão da estrutura de dominação do sistema patriarcal. A autora analisou como as mulheres foram induzidas a acreditarem que só tinham como opção ser donas de casa. Elas não podiam ter sonhos e ambições pessoais, pois isso iria comprometer a sua “feminilidade”, ou seja, as mulheres que tinham ambições além de se tornar esposa e mãe, eram consideradas menos femininas. Isso causou um sentimento de culpa nesse grupo, a pressão social nesse contexto era muito grande e as normas sociais impediam que as mulheres buscassem realização fora do ambiente doméstico.

2.1.4 Reflexões sobre *Uma Vida em Segredo*

Uma Vida em Segredo manifesta os aspectos estudados por Friedan (1971), Hooks (2018) e Lerner (2019). A narrativa foi publicada em 1964 e ocorre em Minas Gerais. O romancista não menciona a época em que o enredo se passa, porém interpretamos que ocorreu aproximadamente na terceira década do século XX, por conta da ausência de menções às invenções tecnológicas como a televisão e o telefone, além do hábito de utilizar cavalos como meio de transporte. Isso sugere que a narrativa se passa antes da industrialização. Também ocorrem menções de aspectos da economia e da sociedade brasileira dessa época, como a presença de coronéis e a importância da vida rural. Na obra, há situações que ilustram um cenário patriarcal.

Inicialmente, o narrador descreve que a decisão de levar Biela para morar ou não na cidade, é de Conrado, pois ele é o homem da família que ficou responsável por ela. Constança, esposa de Conrado, não tinha o direito de opinar. Esse aspecto retrata que cabe ao homem tomar decisões importantes. Isso se assemelha à descrição que Lerner (2019) faz do patriarcado. As decisões importantes devem ser tomadas por um homem e a mulher não tem direito de decidir o próprio destino. O narrador não menciona explicitamente que Biela não queria ir morar na cidade. Entretanto, a sua falta de adaptação no novo espaço e suas lembranças do passado nos fazem compreender que morar na cidade não era um desejo seu.

Hooks (2018) aborda que, assim como alguns homens, algumas mulheres também são sexistas. Dentro dessa perspectiva, no contexto da obra, notamos que Constança apresenta essa característica. O marido dela sugere que Biela deveria ser levada para um convento. No entanto, ela acredita que, pelo fato de Biela ser moça

velha, as freiras não iriam aceitá-la. Com isso, compreendemos que as mulheres também podem ser sexistas, levando em consideração que algumas mulheres manifestam pensamentos e atitudes que preservam o patriarcado, até mesmo quando são atingidas negativamente por ele.

Outro fator que evidencia esse sexismo por parte da personagem está relacionado ao casamento de Biela. A protagonista é uma jovem que foi criada na zona rural, ela não tinha nenhuma figura feminina para educá-la. Por conta disso, ela não era uma jovem muito “feminina”. A descrição que o narrador faz da personagem não é de uma mulher delicada. Além disso, ela não sentia desejo em se casar. Apesar disso, aceita o pedido por insistência de Constança. Essa atitude de aceitar se casar apenas para agradar à família expressa as pressões sociais que as mulheres enfrentavam. Lerner (2019) discute que as mulheres solteiras eram marginalizadas. As jovens que ficavam para “tia” eram excluídas da sociedade, além de serem discriminadas e tidas como inferiores comparadas às mulheres casadas. Por essa razão, a esposa de Conrado insiste tanto para que Biela se case. Esse ato traduz um pensamento patriarcal que reforça a ideia de que o papel social da mulher é casar-se, ter filhos e cuidar do lar.

A respeito do relacionamento de Conrado e Constança, observamos que ela não trabalha. Ele é o provedor da família. Apesar de a protagonista do enredo ser Biela, o relacionamento do casal também é muito significativo. O narrador não descreve nenhum sonho que Constança tenha ou ambições pessoais. Relacionando esse aspecto às contribuições de Friedan (1971), compreendemos que a obra apresenta passagens significativas que remetem à mística feminina que a autora descreve. Como a falta de um trabalho e ocupação da personagem Constança.

Por meio da descrição que o narrador faz, interpretamos que sua única função é ser esposa e mãe. A sua preocupação é em estar sempre bonita, ela é considerada uma mulher bonita e elegante. Um aspecto significativo é que a própria tenta transformar Biela para se tornar igual a ela, pois não gostaria de ser vista com uma pessoa deselegante e desarrumada. A presença de Biela diminui a feminilidade de Constança. Essa atitude da personagem evoca a mística americana descrita por Friedan (1971), que as mulheres que viviam a mística só pensavam em cuidar da beleza para que permanecessem bonitas para os seus respectivos maridos e fossem bem vistas pela sociedade, ao ponto de causar inveja nas outras mulheres.

CAPÍTULO II

3 O FEMINISMO EM CONFRONTO COM A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA PATRIARCAL

Neste capítulo da pesquisa, discutiremos a definição de feminismo e como a mídia prejudica na disseminação feminista ao repassar informações errôneas para a sociedade. Além disso, apresentaremos o conceito de violência patriarcal e como o movimento feminista colabora na desconstrução do patriarcado. Para a construção deste capítulo teórico, utilizamos as contribuições de Alves e Pitanguy (1985), Hooks (2018) e Friedan (1971).

3.1 Definição de feminismo

Alves e Pitanguy (1985) discutem que é complexo apresentar o conceito de feminismo, mas trata-se de um movimento que apresenta diversas transformações e certas contradições. O feminismo surgiu quando outros movimentos buscavam libertação, como o movimento negro. A esse respeito, Hooks (2018, p. 17): “o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão.” O feminismo luta para acabar com essa ideia de que as mulheres são inferiores por conta do seu gênero. Além disso, também diz respeito a uma luta contra a exploração. Essa definição que a estudiosa apresenta é muito significativa, uma vez que tira o foco do conflito entre homens e mulheres e põe a culpa no sistema patriarcal e sexista que se estabelece na sociedade. Ela enfatiza que é um movimento para acabar com o sexismo, pois mulheres também podem propagar pensamentos e crenças do patriarcado.

As contribuições da autora retratam que atitudes sexistas são um problema para a sociedade, independentemente de quem exerce essas ações, seja homem ou mulher. Outro ponto relevante é que o sexismo está atrelado a outros tipos de opressões. Ela acredita e defende que precisamos desfazer essas normas de opressões sociais, caso contrário a sociedade continuará a perpetuar essa ideologia de dominação.

A autora menciona que o feminismo é para todos, como o próprio título do livro sugere. Sendo assim, esse movimento também é para os homens. Eles devem se

envolver e participar dessa causa, buscando se desprender das pressões sociais que exigem que ele domine. Compreendemos que a autora defende que os homens não são o problema, mas sim as ações sexistas e patriarcais que eles internalizam. Entretanto, como mencionamos anteriormente, as mulheres também podem ter atitudes sexistas, por isso a necessidade de que as pessoas, de maneira geral, busquem conhecimento e através dele mudem suas atitudes.

O feminismo incentiva as mulheres a buscarem construir relações pessoais nas quais elas não sejam consideradas inferiores só pelo seu gênero. Alves e Pitanguy (1985, p.8) esclarecem: “[...] o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo”. Diante desse ponto, ele defende que as diferenças quanto ao sexo não devem se transformar em relações de poder.

O movimento feminista não está relacionado somente à busca pela igualdade de direitos, na verdade, ele busca desconstruir o patriarcado. Alguns fatores contribuíram para que aceitassem a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, um desses fatores de destaque são os problemas econômicos, mas isso na verdade está relacionado ao racismo, ao prazer do homem branco em ter uma mulher servindo-o.

O feminismo busca causar uma transformação na sociedade. O intuito é nos fazer repensarmos o significado de ser homem ou mulher. Os conceitos que lhe são atribuídos estão relacionados a crenças arcaicas. O objetivo desse movimento é romper com esses padrões vigentes e com essas crenças limitantes. Culturalmente, a sociedade estabeleceu uma relação de hierarquia, na qual os homens foram colocados como “superiores” e dominadores, enquanto as mulheres são consideradas “inferiores” e, por esse motivo, devem ser submissas.

O movimento feminista busca combater o patriarcado e sua estrutura de dominação, além de enfrentar questões relevantes como a exploração sexual, a opressão e a violência, tanto física, como verbal e simbólica. O propósito dessa causa é romper com essa rede que comanda essa dominação. O feminismo se opõe a essa crença de que as mulheres são o sexo frágil. Esse pensamento colabora para a construção da dominação por parte do sexo oposto.

A opressão social que ocorre no patriarcado está relacionada a alguns fatores, como, por exemplo, a desigualdade salarial. Além disso, a pressão estética também é um tipo de opressão. Algumas empresas exigem que as funcionárias sigam

determinadas normas quanto à beleza. O feminismo promove discussões quanto a esse tipo de questão. Promover discussões a respeito da objetificação da mulher é uma das estratégias utilizadas para combater a violência sexual, mas não é somente isso. Ele auxilia na luta pela criação de políticas públicas voltadas para essas pessoas. A violência é um aspecto muito complexo que ocorre nas relações patriarcais. Hooks (2018) destaca que não só as mulheres são vítimas dela, mas as crianças também. As feministas lutam para que a lei ampare essas vítimas. A educação é um elemento indispensável para auxiliar na desconstrução do patriarcado.

3.2 O papel da mídia e da educação na disseminação feminista

A mídia perpetua valores patriarcais e isso é um aspecto que o feminismo busca reverter, pois através da manipulação midiática as pessoas são influenciadas a exercer crenças que fazem parte desse sistema de opressão. Friedan (1971, p. 18) discute:

[...] as jovens americanas principiavam a casar ainda no ginásio. E as revistas femininas, deplorando as infelizes estatísticas desses casamentos prematuros, insistiam em que houvesse nos ginásios cursos de preparação para o casamento e consultores matrimoniais.

A autora destaca o papel das revistas na educação feminina americana. Na mística feminina que ela descreve, as revistas induziram as mulheres a se casar, mesmo jovens. O foco das jovens não deveria ser os estudos ou o trabalho, mas sim se manter sempre arrumadas e belas para conquistar um bom pretendente. Dessa forma, as moças que iam para a Universidade eram com o intuito de conseguir um marido. Enquanto outras abandonaram os estudos, pois tinham receio de que o “excesso” de conhecimento acabasse prejudicando seus casamentos. Isso nos faz refletirmos sobre o papel da mídia nesse contexto. Fizeram as jovens acreditarem que a função delas era casar e servir ao seu lar, enquanto as que buscavam um futuro diferente eram acusadas de estar cometendo uma transgressão.

A mística feminina causou uma crise na identidade das mulheres, que mergulharam nesse papel que lhe foi atribuído e passaram a viver sem propósito. Um aspecto que consideramos sensível é quando Friedan (1971, p.16) descreve: “Um anúncio de vestido de criança, publicado no New York Times do outono de 1960, dizia:

«Ela também pode ingressar na turma das caçadoras de homens»”. Diante dessa situação, entra um tópico delicado: a questão da sexualidade infantil. Esse trecho sexualiza a infância, sugerindo que até mesmo uma criança tem que ser educada para exercer a sua função, que é buscar homens para servi-los. O termo utilizado pelo anunciante, “caçadoras de homens”, reforça a ideia de que o papel da mulher é ser objetificada pelo sexo oposto. O anúncio mencionado nos revela como a cultura da sociedade americana vendia produtos e ideias, que eram prejudiciais para a autonomia da mulher. Esse tipo de conteúdo exemplifica como a mídia pode contribuir para propagar ideias opressoras relacionadas a gênero.

Hooks (2018) relata que a maioria da sociedade forma sua opinião sobre o feminismo por meio das informações que a mídia fornece. Geralmente, a mídia patriarcal descreve esse movimento como anti-homem. No entanto, a escritora esclarece que não é esse o propósito do feminismo. A falta de conhecimento sobre esse movimento é causada pela mídia que dissemina informações superficiais sobre as políticas do feminismo. Algumas pessoas tendem a reduzir o movimento a uma luta pela igualdade de gênero, por um salário justo e para que os homens cumpram com seus respectivos papéis de pais. No começo do movimento, existiam ativistas que eram a favor da causa anti-homem, mas aos poucos o feminismo foi progredindo e as mulheres foram percebendo que os homens não eram os únicos sexistas, as próprias mulheres também eram.

As feministas reformularam o movimento e passaram a focar na igualdade de gênero com o intuito de destruir o patriarcado, mas a mídia de massa patriarcal não quis divulgar informações sobre essa evolução. Por conta disso, a imagem que ficou do feminismo foi aquela do início do movimento, que as mulheres queriam o mesmo que os homens possuíam.

Friedan (1971) esclarece que, depois do problema da mística ter explodido, a mídia continuava compartilhando anúncios de donas de casa sendo felizes, mesmo sabendo que essa não era a realidade em que elas se encontravam. A intenção da mídia era fazer com que as mulheres acreditassem que não tinham nada de errado, que a vida delas estava perfeita e que deveriam se sentir felizes e realizadas com seus respectivos papéis de esposa e mãe. A mídia manipulou informações, promovendo valores patriarcais. A esse respeito, a autora destacou o fato de que escritores masculinos definem o feminismo e propagam as crenças patriarcais.

Hooks (2018) descreve o feminismo como um movimento político que causa transformação, porém ela esclarece que deve ser pensado como uma causa que vai além da oposição. Ela defende que o feminismo deve envolver uma relação de união entre os homens e as mulheres. Ambos devem lutar contra as crenças patriarcais. A autora reconhece que o machismo define as relações de poder e por conta disso, o feminismo deve ser uma causa importante tanto para mulheres como para os homens, pois esse tipo de relação de poder é vivenciado em diversos contextos sociais, como no lar e no trabalho.

A autora argumenta que no feminismo existem contradições causadas pelas pessoas e isso acaba enfraquecendo o movimento, por isso ela esclarece que é preciso revisar os principais alicerces feministas. Além de destacar a relação intrínseca entre sexo, classe e raça. Ambos os elementos se relacionam na estrutura de dominação patriarcal. Dentro dessa perspectiva, Hooks defende que o feminismo é um importante elemento e deve ser a base na luta por liberdade.

A educação é uma ferramenta indispensável que pode ser utilizada para reverter essa manipulação que a mídia produz. Através dela podemos desenvolver uma consciência crítica sobre o patriarcado e suas opressões. Hooks (2018, p. 23): “A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido”. Ao tomarem consciência sobre o sistema de dominação que o patriarcado promoveu, as mulheres passaram a entender que eram vítimas que foram oprimidas e tiveram sua sexualidade explorada pelo sexo oposto.

A autora expõe que as mulheres que iniciaram no movimento criaram um grupo de conscientização nomeado de GC, era um espaço no qual elas podiam conversar, esse espaço geralmente era na casa de outra pessoa. Essa foi uma forma que as feministas ativistas encontraram de conseguir repassar conhecimento adiante. Essa estratégia foi muito importante para consolidar o pensamento crítico das mulheres a respeito do sistema de opressão em que elas estavam inseridas.

A educação é uma ferramenta de libertação poderosa que deve ser utilizada para educar a sociedade sobre as normas sociais patriarcais. Hooks aborda que é importante que não somente as mulheres tenham consciência do movimento feminista, mas também os homens. Inclusive, ela menciona que, se os homens tivessem tido a oportunidade de participar de grupos de conscientização a respeito do

sexismo e como enfrentá-lo, a mídia de massa patriarcal não teria conseguido definir o feminismo como sendo um movimento anti-homem.

A mídia de massa patriarcal propaga uma imagem distorcida do feminismo, como sendo um movimento contra homens e individualista, mas a educação feminista fornece uma compreensão do verdadeiro propósito do feminismo. Ensina que é uma causa que visa acabar com o sexismo e a opressão. Os grupos de conscientização foram um meio eficaz que as feministas encontraram para repassar o conhecimento sobre o movimento. Esse tipo de estratégia permite que as pessoas discutam sobre a manipulação midiática. Isso desenvolve resistência contra a alienação que a mídia propaga. A autora destaca o diálogo e a comunicação como ferramentas eficazes na luta contra a destruição do sistema patriarcal.

3.2.1 Feminismo e violência patriarcal

Uma das maiores contribuições do feminismo é buscar criar conscientização sobre a violência doméstica. Hooks (2018) argumenta que na contemporaneidade essa temática está sendo abordada em vários meios, até mesmo na escola, porém a sociedade esquece que foi graças à luta feminista que foi revelado esse problema.

A escritora esclarece o papel que o feminismo teve ao expor a violência doméstica, que antes era um assunto muito privado e que não havia discussões a respeito. O feminismo revelou que esse problema é resultado do patriarcado e de sua opressão. O movimento feminista busca conscientizar a sociedade por meio de mudanças culturais.

Um aspecto relevante sobre essa temática, é que primeiramente o feminismo expôs a violência que os homens cometiam contra o sexo oposto, porém, com o seu desenvolvimento, foi comprovado que a violência se faz presente até mesmo em relações com pessoas do mesmo sexo. Além disso, as crianças também são atingidas pela violência que ocorre em famílias patriarcais. Hooks (2018, p. 74) destaca: “A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva.” A autora amplia o conceito de violência doméstica e utiliza o termo violência patriarcal. Esse tipo de violência pode ser física, verbal ou simbólica. Esse problema atinge não somente as mulheres como também as crianças. A violência patriarcal é pautada na ideia de desigualdade de gênero e de poder.

A sociedade não associa a violência patriarcal ao sexismo, por essa razão o feminismo é tão importante, pois além de denunciar atos de violência causados pelo patriarcado, ele também questiona as crenças que o sustentam. A autora menciona que as mulheres também reproduzem a violência como uma forma de controle. As crianças que vivem em um lar violento não saberão se posicionar diante de uma situação de violência. Por isso, a necessidade da construção de uma educação respeitosa para quebrar esse ciclo de violência.

A violência simbólica é um termo discutido por Bourdieu, ela ocorre de maneira sutil. Bourdieu (2002, p. 47):

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural).

Ela ocorre por meio de normas sociais, padrões estéticos exigidos e valores. Como se trata de uma violência implícita, pode não ser reconhecida pela vítima. O patriarcado é um sistema repleto de normas, ideologias e crenças. A violência simbólica ocorre por intermédio dessas características que ele apresenta. As mulheres devem se encaixar em um determinado padrão estético imposto pela sociedade, como na mística feminina que Friedan (1971) descreve. Na sociedade americana, as mulheres tinham que se manter bem cuidadas e belas para conseguir conquistar um bom partido.

Na obra *Uma Vida em Segredo*, ocorre a violência simbólica. O casamento arranjado de Biela é um exemplo deste tipo de violência patriarcal. A jovem não tinha a intenção de se casar, porém, a sua família, principalmente Constança, impõe isso a ela. Biela é praticamente forçada a fazer isso, ela deixa claro que não é do seu querer se casar, mas já que a Constança faz tanto gosto do casamento, resolve aceitar. Ela não reconhece que está diante de um tipo de violência, pois ocorre de maneira muito sutil.

3.3. Reflexão final sobre o feminismo e a desconstrução do patriarcado

O feminismo colabora na transformação das relações de poder e luta pela igualdade de gênero ao questionar a estrutura patriarcal. Hooks aborda que o movimento feminista propõe uma reconstrução nas relações de poder que ocorrem na sociedade. Ele combate as normas sociais que colocam o homem em uma posição superior e de opressor, enquanto as mulheres são colocadas em uma posição de submissão e subordinação. Além disso, a autora destaca que o feminismo evidencia que a desigualdade de gênero que ocorre é intensificada por outros aspectos como raça e classe. Por meio da educação, esse movimento promove a conscientização sobre a estrutura de dominação que ocorre no patriarcado. Com isso, os homens e as mulheres podem refutar os papéis que lhes são atribuídos. Portanto, o feminismo tem um caráter educativo.

A educação é uma ferramenta que é utilizada para desconstruir o patriarcado e promover a igualdade de gênero. Através dela, o movimento desmitifica que as mulheres são sexo frágil. Além de propagar que, independente do sexo, homens e mulheres devem possuir os mesmos direitos e deveres. O conhecimento promovido pelo feminismo transforma a desigualdade que ocorre no patriarcado. A autora afirma que o feminismo é para todos, inclusive para os homens. Eles devem buscar conhecimento a fim de reconhecer os seus privilégios e assim não aceitar exercer a opressão que o patriarcado promove.

O feminismo combate a violência patriarcal e luta pela criminalização dela. As feministas buscam repassar o conhecimento que possuem adiante, para evitar que mulheres sofram violência, seja ela física, verbal ou simbólica. Por isso, é reconhecido como uma causa que promove a sororidade entre as mulheres. O principal propósito é construir uma sociedade justa e igualitária, na qual os homens não precisam exercer o papel de opressores e dominadores e as mulheres, por sua vez, possam viver livremente sem sofrerem com opressões.

O movimento luta pela igualdade de gênero e combate à violência patriarcal, que foi formada através do pensamento sexista e que utiliza das escalas de poder, aquele que tem mais poder domina o que tem menos. As mulheres foram vítimas dessa violência em diversos momentos da história, por essa razão é importante repassar esse conhecimento adiante. A fim de que conheçam sua história, os desafios que foram enfrentados em busca das conquistas de alguns direitos. Sabemos que o

pensamento sexista ainda permanece na nossa sociedade, por esse motivo acreditamos ser relevante discutirmos assuntos como esse para que mais pessoas se mantenham informadas e menos alienadas. Com isso, podemos resistir às normas opressivas em nossas vidas pessoais e sexuais.

CAPÍTULO III

4 REGIONALISMO E NEORREGIONALISMO NA LITERATURA.

Neste capítulo, iremos apresentar a definição e características do Regionalismo e do Neorregionalismo, além de descrevermos as diferenças e semelhanças entre ambos. Comentaremos como o (Neo) regionalismo se apresenta na obra *Uma Vida em Segredo*. Escrevemos dessa forma, pois estamos nos referindo a uma narrativa que apresenta não somente aspectos do Neorregionalismo como também aborda características do Regionalismo. Utilizamos como arcabouço teórico os estudos de Chiappini (2014), Candido (2000), Brito (2017) e Araújo (2008).

4.1 Definição e características do Regionalismo

O Regionalismo é um movimento literário que tem como objetivo representar as particularidades de uma determinada região e os costumes de certa cultura. Aborda questões que envolvem a identidade e problemáticas sociais presente em certas regiões do país, que ilustram diferentes contextos históricos. Neste capítulo, abordaremos as fases do Regionalismo e suas principais características.

Chiappini, em seu texto intitulado *Regionalismo(s) e Regionalidade(s) num Mundo Supostamente Global*, destaca que o Regionalismo possui três fases distintas. Segundo Chiappini (2014, p. 29): “[...] o Regionalismo é um fenômeno da modernidade.” Dessa forma, o Regionalismo não é somente a representação de aspectos regionais, mas também envolve questões relativas ao contexto histórico e social. É importante destacarmos que a modernidade trouxe consigo diversas transformações para a sociedade, dentre elas podemos mencionar a industrialização. Com o processo de industrialização, ocorreram avanços significativos no quesito comunicação e isso gerou um conflito entre o local e global, o moderno e o tradicional. É a partir desse conflito que o Regionalismo surgiu.

O Regionalismo se fez presente na tradição literária desde o Romantismo, sua aparição inicial ocorreu na mesma época em que os escritores brasileiros estavam buscando romper com os padrões estéticos clássicos da Europa. Dessa forma, assim como o Romantismo, o Regionalismo também compõe uma das estéticas que ajudou a moldar a literatura brasileira.

O crítico literário, brasileiro, Antonio Candido (2000), divide essa tendência em três momentos, sendo que o primeiro, como mencionamos anteriormente, ocorre no decorrer do Romantismo. Nessa época, essa tendência surgiu com o intuito de valorizar a cultura local. De acordo com Chiappini (2014, p. 32):

O Regionalismo, naquele tempo, era considerado ultrapassado, porque tido por necessariamente conservador, acanhado, fechado, quando não, xenófobo. E às obras de literatura regionalista era atribuído um valor estético baixo ou nulo.

O Regionalismo dessa época citada é associado ao Romantismo. Nesse contexto, o movimento surgiu com o intuito de valorizar a cultura local. Ele foi por diversas vezes considerado como algo ultrapassado, pois acreditavam que era um fenômeno incapaz de retratar as mudanças culturais e estéticas. Pelo fato de representar características locais, surgiu a ideia de que ele iria se tornar conservador e limitado. Em consequência disso, ocorreria uma espécie de xenofobia.

Na concepção de Chiappini (2014), é importante entendermos que tanto o Modernismo quanto o Regionalismo estão relacionados a questões culturais, políticas e de ordem social. Sendo assim, o Regionalismo assim como o Modernismo, é um movimento artístico literário que surgiu com o propósito de representar as mudanças pelas quais a sociedade passa.

As produções literárias regionalistas surgiram com o objetivo inicialmente de retratar as desigualdades regionais. Nesse contexto histórico, o surgimento desse movimento ocasionou luta entre a sociedade em meio ao enfrentamento das problemáticas sociais. No entanto, Chiappini (2014) destaca que somente o subdesenvolvimento não explica esse movimento literário, ele está sim relacionado. Entretanto, não é somente ele que proporcionou o surgimento do Regionalismo. Esse fenômeno não é estável, ele vai se modificando de acordo com as questões políticas e culturais que vão surgindo ao longo do tempo. A autora menciona que ele é uma consequência de lutas por hegemonia, e por conta disso não pode ser enxergado somente como representação de baixas condições financeiras, tendo em vista que ele é um fenômeno complexo e que estabelece relações com a modernidade e identidade cultural.

Araújo (2008, p.1) afirma que “o gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico pode ser visto como elemento impulsionador do surgimento de uma

tendência – o Regionalismo”. Nesse contexto, o Regionalismo se iniciou com o objetivo de enfatizar as particularidades físicas e exclusivas de determinadas regiões. Logo, cada região passou a ser reconhecida pelas suas características específicas. Em consequência, esse movimento ocasionou a revelação de problemáticas enfrentadas por cada região. Diante desse cenário, o comportamento das pessoas foi sendo observado mediante a realidade na qual estavam inseridas. Esse fator foi construindo as especificidades do Regionalismo.

Brito (2017) destaca que o Regionalismo no contexto do Romantismo se consolidou como um fenômeno que tinha como propósito valorizar o local. Por meio das narrativas ficcionais, os autores buscavam produzir características relacionadas à identidade brasileira que colaborassem para o processo de independência do nosso país, e consequentemente ajudassem na elaboração de uma identidade nacional. Dessa forma, os escritores dessa fase escreviam suas narrativas mais voltadas para a valorização do meio local.

As obras literárias regionalistas dessa fase apresentavam temáticas nacionais, ocorria uma exaltação da natureza e dos costumes de cada região. É importante frisar que, na concepção de Araújo (2008), esse período do Regionalismo também foi influenciado pelo indianismo, pois as temáticas das narrativas literárias eram muito voltadas para a ânsia de uma individuação nacional, que estava relacionada à necessidade de uma individuação de cada um. Logo, o Romantismo e o Regionalismo foram dois movimentos importantes para a construção da nossa identidade literária.

A respeito da segunda fase do Regionalismo, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX, de acordo com Brito (2017), os escritores buscavam representar o homem e a paisagem como elementos exóticos com o propósito de agradar a sociedade urbana. Candido (2000) critica essa abordagem. O crítico defende que esse tipo de imagem passada transforma o homem em um objeto estético. O ser humano é visto de modo estereotipado e superficial. Trata-se de uma literatura sem aprofundamento estético.

A respeito da terceira fase do Regionalismo tem como característica o foco em problematizações sociais, as obras românticas dos anos 30 e 40 passaram a retratar questões relativas ao subdesenvolvimento. Em 1930, as obras literárias ganharam mais expressividade, de acordo com Brito (2017). Nessa época, os autores brasileiros passaram a expor em seus romances a miséria social, a questão da seca e da fome. Situação na qual boa parte dos brasileiros se encontrava, com isso os “romances de

1930” contribuíram significativamente para a tradição literária regional, que foi reconhecida como uma tendência de grande valor estético. Sendo assim, o Regionalismo é considerado uma “memória cultural”, tendo em vista que os aspectos mencionados fazem parte dos sujeitos e também estão relacionados à nossa sociedade.

Candido (1987, p. 156 e 158) destaca que o Regionalismo de 1930 funcionou como “[...] presciência e depois consciência da crise, motivando o documentário e, com o sentimento de urgência, o empenho político”. O Regionalismo de 1930 superou o Regionalismo que estava vinculado ao Romantismo que antes era considerado como pitoresco. As temáticas foram se modificando, mas o Regionalismo permaneceu. Tendo em vista que o nosso país estava passando por um atraso econômico durante o século XX. Ainda sobre essa fase, Candido (1987, p. 160) destaca que:

Na fase de pré-consciência do subdesenvolvimento, ali pelos anos de 1930 e 1940, tivemos o regionalismo problemático, que se chamou de “romance social”, “indigenismo”, “romance do Nordeste”, segundo os países, e, sem ser exclusivamente regional, o é em boa parte. Ele nos interessa mais, por ter sido um precursor da consciência de subdesenvolvimento [...]

O crítico fez uma análise do que estava acontecendo nessa época de 1930 e 1940, relacionando os aspectos à questão da cultura. Ele observou que a cultura passou por um processo de centralização. Com essa nova configuração do Regionalismo os autores passaram a abordar particularidades que antes eram desprovidas de atenção. Desse modo, as narrativas que antes abordavam somente elementos relacionados a cada região passaram a abordar temas que representam mais a nação como um todo.

As obras regionalistas passaram a contar com a configuração do realismo social, fator que fez com que as narrativas desse período ganhassem um valor estético. Os escritores buscaram escrever ficção não somente enraizada no local, mas também que se relacionasse a uma universalidade.

Chiappini lança uma crítica sobre a origem do Regionalismo. Ela propõe que, por conta da reorganização das nacionalidades e das hegemonias na Europa, é preciso revisar a ideia de que o Regionalismo é uma consequência do subdesenvolvimento. Tendo em vista que adotar essa concepção significa dizer que

ele é uma particularidade de países em desenvolvimento e, quanto aos países desenvolvidos, essa temática não teria importância, uma vez que a identidade nacional deles já estaria fortalecida em decorrência da cultura, poder político e econômico.

A autora constatou que, ao contrário do que muitos estudiosos afirmavam, o Regionalismo não morreu na Europa, pelo contrário, ele se transformou e continua tendo importância nos dias atuais. Ela argumenta que algumas obras literárias abordam especificidades regionais de modo significativo e, quando os estudiosos ignoravam esse fenômeno, automaticamente também rejeitavam a relevância dessas questões locais. Em síntese, a investigação realizada pela autora concluiu que o Regionalismo não morreu e sim se reconfigurou.

Em *Literatura e Subdesenvolvimento*, Candido (1989) aborda que o Regionalismo permanece como uma força que impulsiona a literatura, tendo em vista que questões relacionadas à situação econômica e problemáticas sociais são de interesse do escritor. Sabemos que uma obra literária não tem compromisso com o mundo real, todavia o autor é um ser que parte da realidade para conceber sua criação literária, logo, ele não tem como ser indiferente. Conforme ele vai ganhando espaço, vai atenuando o seu crescimento e se reconstruindo.

Anteriormente, as narrativas regionalistas tinham como enredo o espaço rural, posteriormente passou a ser urbano. Essa mudança não alterou somente as características físicas das regiões, mas também influenciou o comportamento da sociedade. Essa transição do rural para o urbano resultou em novos questionamentos existenciais, questões relativas à raça e ao gênero. As particularidades do Regionalismo já não estavam mais dando conta dessas transformações sociais. Logo, alguns pesquisadores passaram a defender que o regionalismo teria “morrido”. No entanto, novas teorias surgiram para se opor a essa ideia, e defender que ele permanece “vivo”, porém com algumas características novas, como é o caso do Neorregionalismo que iremos destacar no próximo tópico.

4.1.1 O Neorregionalismo literário e suas características.

Partiremos para a concepção do que significa Neorregionalismo literário. Considerada uma nova tendência regionalista. Apresenta algumas especificidades, porém retoma algumas características oriundas do Regionalismo, mas se difere, pois

apresenta as exigências das transformações sociais. O Neorregionalismo é uma tendência literária que faz parte da nossa literatura contemporânea e opera como uma extensão do Regionalismo. No entanto, apresenta algumas transformações nas características do Regionalismo do século XX. As características foram adaptadas em meio aos avanços que a sociedade passou. Dentre essas particularidades: a autonomia das personagens femininas; o espaço e a memória. Esses elementos fazem parte dessa tendência e foram utilizados para representar as transformações sociais pelas quais a sociedade teve ao decorrer do tempo.

Segundo Brito (2017, p.31) “Analisando as produções literárias contemporâneas, observamos o surgimento de uma nova tendência na literatura brasileira a partir de 1960, denominamo-la Neorregionalismo” [...]. Essa tendência não apresenta somente elementos do Regionalismo literário, mas inclui também, outras características que fazem o seu diferencial. Seus aspectos incluem a autonomia das personagens femininas, e isso não está apenas atrelado ao fato delas serem as protagonistas dos enredos literários, vai além disso. Uma personagem autônoma apresenta os seus sentimentos, sabe se impor como uma mulher que luta pelos seus princípios. Em relação à autonomia da personagem feminina, Brito (2017, p. 52) ressalta:

Durante o Regionalismo, as personagens femininas se apresentavam na maior parte dos romances como secundárias frente às masculinas. Sem direito sequer à voz. Nas obras tidas como neorregionalistas, as personagens acompanham as novas transformações históricas e são mais presentes e protagonistas nos enredos.

Desse modo, podemos compreender como as transformações sociais exercem influência sobre as obras literárias e fazem com que elas se transformem, tendo em vista que essa questão da autonomia das personagens femininas corresponde a um progresso considerável das mulheres da nossa sociedade. As mulheres passaram a ganhar voz em meio às mudanças históricas que ocorreram na segunda metade do século XX.

Além disso, a população brasileira foi crescendo cada vez mais e migrando dos espaços rurais para os urbanos. Esses dois aspectos são o que diferencia o Neorregionalismo literário do Regionalismo, contudo é válido destacar que Brito (2021) aborda que, apesar de a personagem feminina e o espaço terem ganhado

novas características, ainda assim a memória cultural se faz presente no enredo das obras literárias neorregionalistas, assim como ocorria no Regionalismo.

É relevante salientarmos que a obra escolhida para análise, *Uma Vida em Segredo*, não apresenta somente características do Neorregionalismo literário. Enfatizamos anteriormente, que uma característica que difere o Regionalismo do Neorregionalismo é o fato de que, em um, as personagens femininas eram secundárias e no outro elas são protagonistas. Porém, na referida obra ocorre de uma personagem em específico ser reduzida ao papel de mãe e esposa e ficar sempre à sombra do marido, trata-se de Constança, esposa de Conrado.

O Neorregionalismo literário se constitui como uma tendência literária que não se limita a aspectos do local abordado no enredo da obra, pelo contrário, as obras neorregionalistas abordam questões que pertencem à sociedade como um todo. A insubordinação das personagens femininas atua como uma importante característica nas obras neorregionalistas, pois anteriormente nos enredos das obras literárias regionais elas atuavam em segundo plano, como coadjuvantes. Outro aspecto importante é o espaço, um elemento que nós leitores geralmente não nos atentamos, mas que possui uma grande relevância no papel do enredo da obra literária e que também exerce influência sobre a personagem.

Nas obras do Regionalismo literário, o espaço é o rural, porém no Neorregionalismo, o espaço em que ocorre o enredo é o urbano. Outro aspecto relevante se refere à questão da memória, algo de extrema valia para que nós, enquanto leitores, consigamos captar os mais relevantes aspectos referentes às personagens da obra literária. Por intermédio da memória, conseguimos captar as pequenas nuances da narrativa, conhecendo o passado da personagem e como suas lembranças lhe afetam.

Além disso, por meio da memória cultural, conseguimos conhecer a tradição regional, na qual a narrativa ocorre, sendo possível também compreender como esses costumes da tradição local interferem na subjetividade da personagem. Esse elemento contribui significativamente para a valorização da nossa cultura brasileira. A memória, além da função de recordar o passado, serve como um instrumento de resistência cultural, pois valoriza aspectos da cultura regional, contribuindo para a preservação da diversidade cultural brasileira.

Em síntese, essa tendência literária, conhecida como Neorregionalismo, tem como característica três elementos: a autonomia da personagem feminina, o espaço

que se situa no meio urbano e a memória, que atua como elemento que contribui para a valorização da cultura local, em forma de combate a cultura globalizante.

4.1.2 O (Neo)regionalismo em *Uma Vida em Segredo*.

A narrativa *Uma Vida em Segredo*, retrata características do (Neo)regionalismo literário, como a questão da memória, o espaço e a autonomia feminina. Quanto às características do Regionalismo, compreendemos que a marginalização feminina faz parte do enredo da obra. A linguagem regional de Minas Gerais também é bastante significativa no enredo. Dourado utiliza diversas expressões locais para se referir a Biela. Essa característica revela a estrutura social e cultural da região.

A personagem Constança não apresenta autonomia, por essa razão acreditamos que a narrativa deve ser considerada como (Neo) regionalista. Uma vez que, no contexto do Regionalismo, as personagens femininas ficavam à sombra de seus maridos e isso acontece no relacionamento de Constança e Conrado. Ela não tem uma profissão. O papel que ela exerce é de esposa e mãe, como o patriarcado propõe. Além disso, a sua única preocupação é estar sempre bela para ser bem vista pela sociedade. Isso nos indica que a personagem vive em uma sociedade conservadora, bem como ocorria na mística feminina descrita por Friedan (1971).

Quando Biela chega à cidade, compreende que precisa mudar para ser aceita. Inicialmente, não apresenta uma autonomia significativa e acaba sendo influenciada pelo seu meio social. Ela sente que precisa ser alguém que não faz parte da sua identidade para ser inserida na sociedade. Biela é uma vítima das normas de gênero, desde a imposição do casamento arranjado até a mudança em seu modo de se vestir.

Biela é o oposto de Constança. Ela tenta se encaixar nos padrões da sociedade. Busca copiar a esposa do primo, mas percebe que estava adotando uma personalidade que não é sua e passa a se sentir desconfortável. Foi induzida a se moldar de acordo com as normas impostas pelo patriarcado. A mudança começa a partir do seu modo de se vestir. A personagem é induzida a mudar a sua forma de se vestir para ficar mais “feminina”. Constança ajuda nessa mudança, ambas vão comprar vestidos novos, mas Biela não se sente confortável com essa transição.

No começo do enredo, ela aceita essa violência simbólica em silêncio e passa a agir como desejam, porém, aos poucos vai voltando à sua essência. Quando Biela decide que não vai mais aceitar essas normas de gênero, é o momento em que ela

demonstra a sua verdadeira autonomia feminina. Ela percebe que, mesmo que se esforce, a forma como os demais desejavam moldá-la anula sua identidade, e ela não se sente confortável em mudar seus modos a fim de se adaptar a uma sociedade na qual não se reconhece.

Biela passa a tomar suas próprias decisões de maneira independente, sem se deixar influenciar pelas normas sociais e estruturas patriarcais. Ela para de tentar se encaixar e volta às suas origens. Voltou a se vestir da forma como chegou à cidade. Esse aspecto é significativo para a construção da autonomia da personagem feminina e para o desenrolar da narrativa. É a partir desse momento que surgem os conflitos entre Biela e o sistema patriarcal, pois ela resiste às pressões impostas relacionadas a gênero.

O espaço rural colabora para a construção da marginalização da mulher e expressa o conservadorismo do Regionalismo tradicional. A personagem Biela só tem seu verdadeiro nome revelado no final da narrativa, ela é conhecida pelo seu apelido. Esse fato demonstra que, desde o início da narrativa, o seu destino dependia de outros. Além de revelar que, no contexto do Regionalismo, a identidade feminina não tem tanta relevância, uma vez que o nome de uma pessoa faz parte de sua identidade. A ausência de nome faz com que a personagem tenha sua singularidade apagada. O contexto rural no qual ela foi criada colaborou para que ela não tivesse modos e, em consequência, ela acabou se tornando uma pessoa marginalizada no espaço urbano, por não saber como agir diante das diferentes normas sociais da cidade.

A memória é um elemento significativo que se destaca ao longo do enredo. Por meio dela podemos nos recordar de histórias e guardar lembranças, seja relacionada a determinadas situações, pessoas ou até mesmo objetos. A forma como essas lembranças são evocadas ocorre pela seleção que se faz daquilo que é importante para a rememoração, ou seja, só interessa trazer de novo à tona o que for significativo para quem recorda. Essas reminiscências podem estar ligadas a um objeto, que provoca o resgate de certas recordações, tornando-se um verdadeiro guardador de memórias. Um objeto chamado canastra provoca na personagem o resgate de certas recordações. Toda vez que entra em contato com esse objeto, traz à tona memórias. Esse objeto faz Biela recuperar diversas lembranças relacionadas à sua infância, à sua mãe e aos sabores que já sentiu.

As lembranças que a personagem tem colaboram para a construção da subjetividade que faz com que ela entenda o mundo ao seu redor. As suas vivências

ajudam no entendimento das normas culturais e das relações de poder. Quando passa a experienciar suas memórias, ela compreende que está vivendo sob uma violência simbólica, mesmo sem ter entendimento do que significa isto. Ao se recordar do seu passado e do quanto gostava de sua vida na zona rural, ela passa a se rebelar contra sua família e começa a ter atitudes que se opõem às normas sociais da época. Esse fato ajuda na construção de sua autonomia e denuncia a opressão que estava vivendo.

CAPÍTULO IV

5 VOZES SILENCIADAS: A MULHER ENTRE O PATRIARCADO E O NEO(REGIONALISMO) LITERÁRIO

Neste capítulo, apresentaremos a análise que realizamos da obra *Uma Vida em Segredo*. Para a construção deste capítulo, aplicamos os conceitos discutidos anteriormente ao enredo da narrativa. Descreveremos como ocorre a marginalização da personagem Biela no contexto patriarcal. Discutiremos os papéis de gênero e a submissão presente. Além disso, salientaremos as características do (Neo) regionalismo presentes no enredo e como ocorre um confronto e resistência em relação às normas sociais propostas pelo patriarcado. Aplicamos os conceitos teóricos discutidos por Alves e Pitanguy (1985), Gerda Lerner (2019), Betty Friedan (1971), Bell Hooks (2018) e Brito (2017).

5. 1 Subordinação e silenciamento: marginalização de Biela no contexto patriarcal

O nosso objetivo é interpretar a obra *Uma Vida em Segredo* à luz dos conceitos teóricos discutidos anteriormente. Focaremos na trajetória de Biela como expressão da marginalização feminina no contexto patriarcal e no Neo (regionalismo) literário. O enredo traduz uma sociedade patriarcal. Retrata a trajetória da vida de Biela.

Na narrativa, existem dois mundos opostos: o mundo de Biela e o mundo das pessoas que vivem com ela. Apesar da opressão e da violência simbólica que sofre, a personagem principal é Biela. Os outros são personagens secundários que existem por conta dela. Entretanto, o seu destino depende de outras pessoas, como do primo. Além disso, a sua vontade não é respeitada. Por conta das normas sociais, ela precisa se adequar aos padrões impostos pela sociedade patriarcal em que está inserida.

O tempo no enredo é psicológico e cronológico. Ocorre uma oscilação entre acontecimentos da vida de Biela e a retomada de suas lembranças. O narrador é onisciente e utiliza a terceira pessoa do singular, através do discurso indireto livre, o que causa um fluxo de consciência.

Após a morte de seu pai, Biela vai morar na cidade com seu primo. Constança, esposa de Conrado, insiste para que o marido leve a jovem para ir morar com eles, mas o narrador sugere que a decisão de levá-la para morar ou não na cidade é de

Conrado, já que ele é o homem da família e seu parente mais próximo. Isso reforça a ideia de que, em uma sociedade patriarcal, cabe ao homem tomar decisões importantes. Constança tenta opinar, mas não tem esse direito. O que nos faz refletir sobre um aspecto discutido por Lerner (2019). Ela aborda que, em uma sociedade patriarcal, as mulheres solteiras acabam sendo marginalizadas e dependem da proteção de um parente homem. Na narrativa, é isso que ocorre com Biela, depois da morte de seu pai, ela passa a depender dos cuidados e proteção do primo. O narrador descreve Dourado (2010, p. 21): “Primo Juvêncio Fernandes deixou escrito, foi o que explicou o tabelião, que o usufruto dos bens seria dele, enquanto Biela estivesse em sua guarda, menor que era, como convinha”.

Esse trecho reforça a discussão proposta por Lerner. O fato de Conrado ter ficado responsável por Biela nos faz refletirmos sobre o papel que é atribuído ao homem. Ele deve ser provedor e proteger sua família, enquanto a mulher deve ficar sob a sombra dele e servir o seu lar. Esse tipo de relação se constitui como uma opressão imposta pela estrutura patriarcal. A opressão ocorre a partir do momento em que consideramos aceitável um indivíduo exercer controle sobre outro.

Logo no início do capítulo dois, o narrador evidencia o desejo de Biela de retornar para Fazenda do Fundão, mas ela não tem coragem de enfrentar o primo. Sente medo dele. A questão da opressão se faz presente neste ponto da narrativa, uma vez que a personagem tem receio de expor sua vontade de voltar para o seu lar. Ela enxerga o primo como alguém “superior” a ela. Eles não têm uma relação de aproximação, na verdade, quase não mantêm contato.

O patriarcado estabelece relações sociais que posicionam as mulheres em situações de vulnerabilidade e insegurança, contribuindo para a internalização do medo em interações com os homens, mesmo na ausência de violência explícita. Nesse caso, a protagonista construiu uma “barreira” de proteção em relação ao primo, cuja postura fechada e séria, aumentava seu temor, ainda que ele não lhe causasse qualquer violência, física ou verbal. Essa percepção reflete a influência de estruturas sociais que associam masculinidade à autoridade e distanciamento emocional. Apenas ao final da primeira semana, a personagem conseguiu estabelecer contato com ele, o que sugere uma possível superação inicial do medo.

Apesar de o pai de Biela ter morrido, em alguns trechos do enredo ele é mencionado, como se observa nesse segmento Dourado (2010, p. 26): “Deus queira eu esteja enganado, pensou Conrado, que viera observando-a durante toda a viagem.

Que ela não seja como o primo Juvêncio. Os repelões do ataque, a espuma da baba na boca.” Conrado temia que Biela fosse violenta, igual ao pai, que tinha ataques de fúria. O que revela que ela vivia em um lar onde ocorria violência patriarcal. Não há passagens que comprovem que ele era violento com ela, mas o fato dela se manter tão receosa quanto à figura do primo demonstra que ela tem inseguranças quanto à figura masculina.

Além do mais, durante a narrativa, suas lembranças afetivas são sempre relacionadas à mãe, não há nenhuma passagem em que ela tenha uma memória sobre seu pai. O que demonstra que a pessoa com a qual ela mantinha uma relação de amor e afeto, era com a figura materna, mas que se foi quando ela ainda era criança.

A violência patriarcal se constitui como uma forma de opressão. Hooks (2018) aborda que, dentro dessa perspectiva, a violência ocorre quando um indivíduo acredita que pode exercer sua posição de poder para coagir ou fazer outra pessoa agir de acordo com sua vontade. Esse termo utilizado pela autora é bastante significativo, pois amplia o sentido de violência doméstica. Sob essa perspectiva, existem diferentes tipos de violências patriarcais, dentre elas a física, verbal e a simbólica. Esta é mais sutil. No contexto da narrativa, é esse tipo de violência que Biela enfrenta. Ocorre de maneira implícita, quase que imperceptível.

Como discutimos nos capítulos teóricos, de acordo com Hooks (2018), o feminismo é um movimento que luta contra o sexismo e a opressão. A autora argumenta que mulheres também podem ser sexistas. O sexismo está relacionado ao fato de que, em uma sociedade patriarcal, às mulheres são ensinadas determinadas normas. O papel da mulher é ser submissa, ser uma boa esposa e uma boa mãe, além de cuidar da aparência. Ao serem criadas dessa forma, as mulheres acabam internalizando esse tipo de crença e repassam adiante.

Constança é uma personagem sexista, ela vive em uma sociedade patriarcal e tenta impor as normas para Biela, a fim de que ela consiga ser inserida no meio social. Constança estava ficando inconformada com a moça por não conseguir se adaptar e passa a cogitar um casamento para ela, como descrito no texto Dourado (2010, p. 62):

Já se via saindo novamente às compras, desta vez para os linhos, os cretones, as sedas do enxoval. Sim, com a sua intervenção, com o seu auxílio, dali podia sair um casamento. No seu desejo, as coisas ficavam fáceis, prima Biela era dócil às suas ordens.

Conrado convida o coronel Elpídio, seu Zico e mais o filho Modesto para jogar em casa. Durante esses jogos, Biela serve café para os homens. A partir desse momento, ela passa a trocar olhares com Modesto e Constança percebe. Imediatamente, pergunta se Biela não estava na idade de casar e a resposta que obteve foi que não tem vontade de casar e que se sente bem com os primos. Ela não consegue compreender exatamente qual é a função do casamento. Conforme descreve o narrador Dourado (2010, p. 64):

Não tinha uma noção muito precisa de casamento, casamento era viver assim como prima Constança e primo Conrado, mansos, se falando polidamente, ela respeitadora submissa, ele homem soberano.

Biela foi criada sem ter uma figura feminina por perto. O seu pai não lhe ensinou sobre isso e também não lhe deu educação formal. Neste trecho que destacamos, fica evidente a função do casamento nessa época. A mulher tinha que ser submissa ao homem, enquanto ele exercia sua função de provedor e dominador. Biela não foi ensinada sobre isso e não se imaginava exercendo esse papel.

Lerner (2019) descreve que o patriarcado só funciona se as mulheres cooperarem para que ele ocorra. No caso da obra, Constança colabora com as crenças patriarcais. Uma vez que ela induz Biela a se casar com Modesto. Ela conversa com o marido sobre essa ideia que teve e afirma que a prima é um bom partido, por conta de suas posses. Isso evidencia a discussão proposta por Lerner de que os casamentos arranjados funcionam como uma espécie de transação.

Seu Zico, o pai de Modesto, pede a mão de Biela para Conrado. Os relacionamentos nessa época ocorriam por conveniência. Modesto não gosta de trabalhar, logo, o casamento seria um bom negócio para ele. Apesar de ser o responsável por Biela, Conrado tem bom senso e informa que precisa consultar a prima primeiro. Ele encarregou Constança de falar com a prima. Quando Constança comunica Biela, a sua reação não foi das melhores. Como indicado na voz do narrador Dourado (2010, p. 68):

Então era para isso que a prima Constança a tratava tão bem? Então, todos estavam tramando contra ela? Então, aqueles olhos que a

devoravam de longe, aquele pé, aquele joelho, queriam dizer aquilo? Além de olhá-la daquele jeito, ainda tinha a descara de vir falar em casamento? Tinha vontade de gritar, de chorar, ela que não sabia chorar, ela que nunca recorrera às lágrimas em momentos de desespero, de sair dali correndo, morrer para sempre no mundo velho do Fundão.

Neste trecho, fica evidente a falta de desejo de Biela em se casar. Ela não se imagina vivendo a mesma vida que Constança vive com Conrado. Desde cedo, as mulheres, na cidade, são educadas e ensinadas que devem se casar e exercer seu papel de cuidar do seu lar. Entretanto, Biela cresceu sem uma figura feminina e, pelas características que são fornecidas sobre seu pai, ele não forneceu ensinamentos para a filha. O ambiente que ela gosta e se identifica é a zona rural. Não se imagina sendo uma mulher do lar, cuidando dos afazeres domésticos e tendo como única preocupação estar sempre bem vestida com vestidos caros. Esse não é o seu sonho, não se sente realizada em viver uma vida como a de seus primos. Biela informa que não gostaria de se casar. No entanto, Constança a faz prometer que vai pensar no caso.

A jovem passa a ser pressionada pelas pessoas da cidade, os curiosos lhe abordam para perguntar se já tinha resolvido a situação. Diante de tanta pressão, acaba cedendo. O seu intuito é agradar os seus primos, mas não é algo que faz parte de sua realização pessoal. Na verdade, as suas ambições não são mencionadas. As suas características são de uma pessoa simples que gostava de sua vida na fazenda. Ela gosta da vida que leva e não se imagina vivendo uma vida de casada. Porém, aceitou a imposição do casamento arranjado para não deixar sua família decepcionada.

Lerner (2019) aborda que as mulheres solteiras são marginalizadas e dependem dos cuidados de uma figura masculina. Esse aspecto ocorre com Biela. Por essa razão, Constança induz a jovem a se casar, afirmando que ela já está passando da idade, reforçando assim o seu pensamento sexista. A personagem propaga crenças do patriarcado e influencia na personalidade de Biela. Constança é subordinada ao marido e gostaria de transformar a prima em uma pessoa como ela, para que assim fosse aceita no seu meio social.

O interesse de Modesto não é em Biela, mas sim em suas posses. Nas conversas que manteve com ela, questionava sobre os negócios da jovem. O casamento seria um bom negócio para ele, que não gosta de trabalhar. Enquanto para

ela, seria uma boa forma de não se manter marginalizada na sociedade. Mazília, filha de Conrado, acha estranho o interesse do rapaz nos negócios de Biela. O narrador descreve Dourado (2010, p. 71):

O moço queria sempre notícias da Fazenda do Fundão, quantos alqueires, os gados, as qualidades das culturas, se era verdade que ela tinha muito dinheiro no banco. Mazília no fundo achava muito estranho o tema constante das conversas de Modesto, mas a mãe disse que o rapaz fazia muito bem, afinal era ele que ia gerir tudo depois.

Essa passagem evoca uma temática significativa discutida por Lerner (2019). Ela aborda que, em uma sociedade patriarcal, as mulheres são vistas como um recurso pelos homens. Esse casamento arranjado é uma forma que o rapaz encontrou de se beneficiar, uma vez que ele tem preguiça de trabalhar. Ao se casar com uma mulher de posses, não iria mais precisar se preocupar com dinheiro, pois se tornaria responsável por administrar as posses de sua esposa, já que nessa época as mulheres eram vistas como incapazes de exercer esse papel. A função delas era cuidar de casa e dos filhos.

Biela vivia no meio rural e não recebia educação formal. Conforme descrito na narrativa Dourado (2010, p. 72): “Foi Mazília quem ensinou a prima Biela a assinar o nome para o casamento”. O pai dela não lhe concedeu acesso à educação. Ambos viviam na zona rural, na Fazenda do Fundão. Acreditamos que, por se tratar de um contexto rural, provavelmente seu pai não considerava isso importante. Lerner (2019) afirma que, em uma sociedade patriarcal, somente as mulheres da elite têm o privilégio de ter acesso à educação. Biela não pertencia à elite, mas seu pai tinha recursos financeiros para pagar aulas particulares para ela. O fato de a jovem não saber assinar o próprio nome a coloca em uma posição de marginalizada e vítima do sistema patriarcal. O que nos faz refletirmos sobre a educação na zona rural ser mais limitada e de difícil acesso. Dentro dessa perspectiva, o Regionalismo expõe essa problemática social.

O casamento tratava-se de um bom negócio para Modesto, mas ele acaba abandonando Biela. Ele vai buscar uma tropa na cidade de Lagoa da Prata, que fica em Minas Gerais, e depois disso não retorna. Ela passa a se sentir miserável, não por ela, mas por sua família. Casar nunca foi um desejo seu, porém queria fazer os gostos de Constança. A protagonista acabou cedendo às pressões sociais impostas pela

sociedade e resolveu aceitar o seu “papel”, mas acabou ocorrendo essa frustração. O silêncio e a aceitação dela diante dessa situação é uma forma de lidar com a opressão e faz parte de uma resistência passiva. Essa foi uma forma de preservar sua autonomia mental e emocional. Escolher aceitar sua função em silêncio, ao invés de criar um conflito, foi uma forma de proteção.

Outro elemento importante é a dependência emocional e financeira de Biela em Conrado. Ele fica responsável por gerir os negócios da prima. Sempre que lhe procura para participar das decisões, ela recua e não opina. Ele gostaria de ouvir as vontades dela, mas a jovem não quer se envolver nos seus próprios negócios. Conforme descrito na narrativa Dourado (2010, p. 56):

Primo Conrado lhe dava notícias da Fazenda. Dizia sobre o pasto, o gado, as crias novas, o rebanho aumentando. O cafezal novo que plantou em pouco estaria florindo. As safras eram boas, tudo crescia nas mãos do novo administrador, vindo do Quebra. Ia experimentar o algodão, tinha sabido de bons resultados em São Paulo, onde os ganhos eram tão bons quanto os do café. O que é que ela achava, ela que conhecia as terras do Fundão? Prima Biela não achava nada, se limitava a sacudir os ombros. Isso era lá com ele. Pensava é em que havia de estar pensando o pai afundado na rede, vendo aquelas mudanças todas.

Inicialmente, quando Conrado soube que ficou encarregado de ministrar os negócios da prima, ele ficou bastante receoso, pois considerava uma grande responsabilidade, mas acreditava que poderia contar com a participação de Biela nas decisões. Nesta passagem que destacamos, fica evidente que ele faz uma boa administração das terras da prima. A produção está indo significativamente bem. Ao buscar conversar com Biela sobre essas questões, ela se esquivava. Compreendemos este aspecto de duas formas; ela não se sente inteligente o suficiente para participar das decisões dos próprios negócios. Uma vez que, como mencionamos anteriormente, a jovem não recebeu educação formal e não sabia assinar o próprio nome, só aprendeu quando chegou à cidade.

A outra forma é que, pelo fato dela confiar plenamente no primo e a sociedade patriarcal propagar que é dever do homem administrar os interesses da família, e o dever da mulher é cuidar dos afazeres domésticos, ela acaba internalizando essa crença e deixando que o primo resolva todas essas questões relacionadas aos seus

negócios. O que ocasiona uma dependência emocional e financeira no primo. Ela precisa de uma figura masculina para tomar suas decisões, pois se sente incapaz.

Em uma sociedade patriarcal, são propagadas crenças e ideias de que os homens devem ser os provedores de seus lares. As mulheres devem cuidar da casa, do marido e dos filhos. Elas são colocadas em uma posição de subordinação e inferioridade, como se não tivessem capacidade suficiente para se tornarem bem sucedidas. Por essa razão, Hooks (2018) discute sobre o papel do feminismo. Um movimento criado para combater essas crenças e acabar com o sexismo. O sexismo está relacionado a essa crença limitante de que as mulheres devem exercer o seu papel de se manterem belas e jovens para os seus maridos e não interferir em questões referentes aos negócios da família. Sob esse viés, por estar inserida em uma sociedade patriarcal, Biela acaba internalizando que é função do homem, no caso, Conrado, gerir seus interesses. Esse aspecto é significativo para refletirmos sobre o papel do espaço na construção da identidade da personagem. Tendo em vista que ela acaba se deixando influenciar por ideias patriarcais, o que resulta em sua dependência no primo.

Conrado tenta repassar informações sobre os negócios de Biela para a mesma, porém a personagem demonstra não ter interesse em usufruir de seu dinheiro. Como indicado na voz do narrador Dourado (2010, p. 88):

Conrado cuidava bem da fazenda da prima Biela. Suas posses tinham aumentado muito, ela não gastava quase nada, nunca lhe pedia dinheiro, não tinha necessidade de coisa alguma. Ele não se importava, prima Biela vivia agora muito alegre, metida com a sua gente. Deixou de falar com ela, de consultá-la sobre as providências que ia tomar, porque ela se limitava a sacudir os ombros, isto era lá com ele, não entendia daquelas coisas. Era como se nada daquilo lhe pertencesse, jacente. A sua fazenda era outra.

Como mencionamos anteriormente, ele cuida bem dos negócios de Biela, mas ela não tem vontade de gastar esse dinheiro. A jovem não se importa com seus recursos financeiros. Por conta disso, o primo deixa de lhe pedir opiniões quanto à administração de suas terras. Estamos nos referindo a uma personagem de origem humilde. A jovem vivia na zona rural, na Fazenda do Fundão. Por ser de um contexto rural e não ter recebido educação, ela não tem consciência sobre gerenciamento de negócios. Quanto à sua ausência de interesses no seu próprio dinheiro, ela demonstra

ser uma pessoa sem ambições, não gosta de luxos. O simples é o que lhe encanta. Biela tem consciência de que é rica, mas não sente necessidade de gastar esse dinheiro. Ela é feliz no simples.

5.2 Papéis de gênero e submissão

É pertinente esclarecer o conceito de papéis de gênero antes de relacionarmos à obra analisada. “Gênero” é um termo que está associado à classificação de pessoas de acordo com suas características sociais, culturais e psicológicas, que incluem determinados papéis, regras, comportamentos e identidades relacionadas ao sexo masculino e ao feminino. “Gênero” refere-se às expectativas sociais que a sociedade cria sobre como deve ser o comportamento dos homens e mulheres. A sociedade dita como devemos nos vestir, falar e viver. Em outros termos, gênero é um conjunto de normas e conceitos que estipulam como devemos agir de acordo com o nosso sexo biológico.

Essas normas não são naturais e permanentes. Elas são criadas por pessoas e podem variar ao decorrer do tempo e entre lugares diferentes. Normas de gênero são regras que estabelecem como deve ser o comportamento, os papéis e expectativas de cada pessoa. Elas são como uma “caixinha” na qual a sociedade tenta encaixar as pessoas de acordo com determinados papéis. Por exemplo: mulheres devem ser delicadas, gentis e cuidar do lar. Homens devem ser provedores, fortes e corajosos. Essas regras podem parecer simples, mas são bastante restritivas. Uma vez que uma mulher que não deseja se casar é julgada por fugir do estereótipo feminino.

O patriarcado é um sistema social no qual os homens detêm mais poder que as mulheres. Ele foi formado ao longo de séculos, colocando os homens como líderes e as mulheres como auxiliares. As normas de gênero sustentam esse sistema ao informar que as mulheres devem cuidar da casa, dos filhos e valorizar mais a aparência do que os seus sonhos ou estudos. Enquanto os homens devem ser dominadores, líderes e têm o direito de fazer o que quiserem. Essas normas construíram a crença de que os homens têm mais liberdade e poder, enquanto as mulheres têm menos liberdade e escolhas.

Gênero não é algo fixo, mas é um conjunto de normas que devemos questionar e alterar com o propósito de garantir mais liberdade a todos. No contexto da narrativa,

Biela desafia as normas de gênero de sua época. Ao chegar à cidade, ela percebe que precisa se transformar para se encaixar. Ela tem esse sentimento por conta da sociedade. As normas são que as mulheres devem ser delicadas, bonitas, bem vestidas, cuidar do lar e ser obedientes.

As normas de gênero ditam que, para as mulheres serem consideradas “boas” ou “respeitadas”, elas devem ser perfeitas no quesito aparência e no comportamento. Biela não queria mudar, mas sentiu-se pressionada a mudar sua identidade para evitar a rejeição e os maus-tratos das pessoas de seu convívio.

Constança representa a sociedade patriarcal. Ela simboliza aqueles que ajudam a manter essas normas de gênero vigentes. Na obra, a personagem repete o que o patriarcado lhe ensinou. Constança tenta mudar Biela. Ela não expressa apenas uma opinião pessoal, reproduz ensinamentos do patriarcado. Nesse sistema, mulheres como Constança colaboram para manter as normas de gênero, acreditando que, ao segui-las, ganharão respeito ou admiração. Ela pensa que Biela deve “se encaixar” para ser aceita, mas isso não é necessariamente o melhor para ela.

A trajetória de Biela revela como as normas de gênero controlam especialmente as mulheres. Elas pressionam as mulheres a serem quem não são para agradar à sociedade. Isso mantém o patriarcado, pois, ao buscarem ser “perfeitas”, as mulheres não questionam as regras nem lutam por liberdade. Biela é induzida a mudar, mas isso não a deixa mais feliz. Ela vê que seguir essas normas a faz perder sua identidade.

A narrativa questiona os papéis tradicionais de gênero. A vida de Biela é apresentada. Inicialmente, ela busca seguir as normas sociais, mas no decorrer do enredo, passa a desenvolver uma resistência em relação às pressões sociais que lhe são impostas. Ao chegar à cidade, é necessário enfrentar a cultura da região e se adequar ao meio social. Constança difunde as normas de gênero e induz a jovem a mudar sua identidade bem como seu modo de se vestir e comportamento. Ela chega à cidade vestida de acordo com a cultura em que vivia. Como indicado na voz do narrador Dourado (2010, p. 24):

As meninas repararam em tudo: a sombrinha vermelha desbotada de cabo comprido, as botinas de cordão que apareceram quando ela saltou do cavalo, a saia muito comprida quase se arrastando no chão, a blusa de botõezinhos fechada até o pescoço, os gestos todos que ela fez. Não viram a cara, que ela trazia sempre baixa. Mas viram o coque grosso, baixo, de longas tranças, empoeirado.

A família de Conrado fica ansiosa com a chegada da moça, mas ficam decepcionados quando encontram Biela. Esperavam que ela fosse diferente. Ela chega utilizando botas por viver na zona rural, a saia comprida e a blusa muito fechada simbolizam que ela é uma jovem que não gosta de mostrar o corpo. O coque baixo com tranças nos faz associarmos à imagem de uma jovem acanhada, do interior, sem vaidades. As filhas de Conrado fazem parte da cidade e não são acostumadas a ver uma pessoa vestida dessa forma. O modo de se vestir de Biela causa um julgamento por parte de sua família. Ela nota a estranheza que causou nos primos. Conforme descrito na narrativa Dourado (2010, p. 27):

No quarto, sentada na cama de mola, que se afundou rangendo ao peso do corpo, tão diferente do seu catre de tábuas, Biela fincou os cotovelos nos joelhos, apoiou o queixo nas mãos e ficou de olhos grudados no espelho de moldura em cima da cômoda. O espelho refletia uma figura encurvada, o rosto pálido e apático, uns olhos inexpressivos que pareciam não ver, afundados além da superfície polida. Na verdade, Biela não reparou sequer na figura que o espelho lhe mostrava. Voltava-se toda para um centro de força, para uma pequena semente nas sombras que se adensavam, para o oco no peito, para o miúdo coração desamparado. Sentia-se miserável, um trapo sujo, um tronco podre que o riacho leva.

A personagem fica se olhando no espelho e reflete sobre a impressão que causou nos seus familiares. Ela não se importa com sua aparência. Não é uma jovem vaidosa. A sua intenção ao se olhar no espelho não é se admirar, mas sim buscar compreender o que sua família sentiu ao lhe encontrar. O narrador utiliza uma metáfora para se referir à forma como Biela se sente nesse momento. O seu coração ficou “desamparado”. Essa expressão evidencia o estado de vulnerabilidade dela. Remete à ideia de tristeza e solidão. Sente-se sem apoio e deslocada. Nota que é diferente de seus familiares, e por isso precisa se adequar para se sentir pertencente ao novo espaço, por essa razão se sente miserável. Ela compreende que vai ser necessário mudar sua identidade para evitar os olhos de julgamentos.

Biela nota que Constança tem uma aparência que se assemelha a de sua mãe. Ao olhar para Constança, a jovem sente uma sensação boa. Constança traz à tona lembranças que Biela tem da figura materna. Além disso, por ser muito bonita, Biela criou uma admiração pela esposa do primo. Como indicado na voz do narrador

Dourado (2010, p. 32): “Constança podia ser uma linda princesa, os vestidos vaporosos. Tinha uns jeitos, os vestidos brancos bordados de uma princesa”. A personagem compara Constança a uma princesa. A moda predominante é de vestidos que remetem às princesas, repletos de bordados e com volume. Esse tipo de vestimenta é uma forma de deixar a mulher mais “feminina” e delicada.

Em uma sociedade patriarcal, os papéis de gênero estabelecem regras quanto à vestimenta de cada pessoa. O modo de se vestir varia de acordo com o sexo. Sobre a moda presente na narrativa, é um elemento significativo que faz Biela se sentir fora do “padrão”. De acordo com a narrativa Dourado (2010, p. 32):

Constança pisava assim tão de mansinho. Parecia uma imagem, os panejamentos de muitas dobras. As rendas finas das saias de baixo quando ela erguia o pé, os peitinhos bordados, os botõezinhos enfileirados cobertos de pano. Ficava horas admirando os vestidos de prima Constança, de panos que ela nunca tinha visto e cuja existência apenas sonhava, quando as princesas saíam para as festas.

Biela fica admirando a delicadeza e a feminilidade de Constança. O trecho destacado menciona como são as roupas utilizadas por ela. Biela fica encantada com tanto deslumbre. Por morar na zona rural, ela ainda não havia visto esse tipo de vestimenta. O fato de associar as roupas à imagem de princesas demonstra o quão os vestidos realçam a delicadeza feminina. Biela fica fascinada com esse aspecto da cidade.

A personagem é muito tímida e reservada, por ter sido criada na zona rural, não sabe como agir diante da nova realidade na zona urbana. Constança busca se aproximar de Biela. Conforme descrito na narrativa Dourado (2010, p. 32):

Se podia, trancava-se no quarto e esperava as horas passarem. Mas Constança vinha sempre chamá-la para uma ou outra coisa. Um dia chamou-a para ir à rua com ela fazer compras, qualquer coisa como ir à igreja. Biela não quis, tinha medo de sair na rua, ser apresentada a outras pessoas.

A protagonista compreende que está diante de uma nova realidade e, por conta disso, se fecha para interações. Ela tem receio dos julgamentos alheios por ser diferente. Não gostaria de ser apresentada para pessoas, pois tem consciência de que

sua aparência e seus modos não estão dentro dos padrões esperados. Ela não sabe se vestir de acordo com a moda da cidade e também não tem a mesma “etiqueta” que eles. Biela não recebeu educação formal. Chegou à cidade sem saber assinar o próprio nome. Ela se sente fora dos padrões ao lado de Constança e tem dificuldades para se encaixar. De acordo com a narrativa Dourado (2010, p. 32):

Os momentos mais difíceis eram na mesa, quando se juntava com a família. Primo Conrado na cabeceira, os meninos defronte, ela entre Mazília e Constança. Não dizia nada, se limitava a responder em poucas palavras uma ou outra pergunta de Constança. Olhava como prima Constança comia, como segurava os talheres, como levava a comida à boca. Procurava imitá-la, se atrapalhava, enfiava o garfo quase todo na boca, a comida caía na toalha, jamais conseguiria segurar o garfo e a faca daquele jeito, quando partia a carne. A carne podia voar longe. Olhava com vergonha para Silvino e Alfeu, que com medo do pai engoliam o riso.

A protagonista sente dificuldade de se comportar nas refeições em família. Ela não sabe comer de garfo e faca. Os filhos de Conrado sorriem da falta de modos da jovem. Sente-se envergonhada por não saber como agir diante da nova realidade. Por conta disso, passa a frequentar mais a cozinha e faz amizade com Joviana e Gomercindo, ambos empregados da família. Com eles, Biela sente-se à vontade quanto à sua identidade. A sensação de estar com eles é de acolhimento. Porém, Constança não gosta dessa amizade e não quer Biela com os empregados.

Constança nota que Biela não está se sentindo à vontade com a família e busca se aproximar. Passa a fazer perguntas relacionadas à vida da jovem na fazenda, e quando vai rezar chama Biela para lhe acompanhar nas rezas, que ocorrem no quartinho do oratório. Essa atitude corresponde a uma tentativa de aproximação, com o propósito de compreender a identidade da jovem para que assim pudesse mudá-la, impondo as normas de gênero. De acordo com a narrativa Dourado (2010, p. 35):

É meio pancada, disse Conrado, meio fraca do juízo. Quem herda não furta. Pelo menos é mansa, inofensiva, graças a Deus, disse Conrado. Ora, Conrado, ela é uma moça normal, está é um pouco acanhada. Com o tempo você vai ver como ela vai ficar outra.

Ao se aproximar de Biela, Constança percebe que não tem o que temer. A jovem não é agressiva como o seu pai, que tinha ataques de raiva. Quando

compreende que se trata apenas de uma jovem acanhada que foi criada na roça, ela comunica ao marido que ele não precisa se preocupar. Pensa que a prima é dessa forma por ter sido criada por um pai maníaco e ter crescido sem uma figura materna por perto. A esposa busca tranquilizar o marido, dizendo que Biela não é como o seu pai. Ela é esquisita, mas garante que logo irá transformá-la em outra pessoa.

A marginalização de Biela pode ser entendida por meio das normas de gênero e do patriarcado. A sua falta de compatibilidade com os demais membros da sociedade evidencia como essas estruturas sociais levam à sua exclusão e isolamento. Constança não é uma vilã que faz da vida de Biela um caos, na verdade, ambas são vítimas das normas de gênero impostas pelo patriarcado. Constança reproduz o que lhe foi ensinado. Ela acredita que, para Biela não ser excluída da sociedade por ser diferente, é necessário transformá-la em alguém “aceitável”.

Biela é marginalizada por não atender às expectativas sociais e familiares de comportamento e aparência de uma mulher. O gênero, como construção social, estabelece expectativas para as mulheres: serem belas, submissas e focadas em agradar. Biela, ao ser considerada “fora do padrão”, é excluída e vista como inadequada. Ela compreende que está sendo julgada pela sua aparência e pela forma de agir e decide mudar um pouco sua identidade. Conforme descrito na narrativa Dourado (2010, p. 36):

Chegou mesmo a se sentar diante do espelho. Desfez o coque, desfiou a trança, e ficou horas penteando os cabelos, esquecida do mundo. Refez o coque, procurando colocá-lo mais no alto da cabeça, igual a prima Constança. Cara lambida, de jeito nenhum seria igual a prima Constança. Melhor desmanchar o coque, deixar tudo como estava. Como sempre fora. Um certo orgulho e vaidade (um dos poucos momentos de sua vida em que se sentiu vaidosa e orgulhosa) a impediam de desmanchar o coque.

O ato de desfazer as tranças simboliza um rompimento com sua origem do interior, uma vez que na zona rural é comum mulheres usarem esse tipo de penteado. Ao chegar à cidade, ela se depara com outra realidade diferente da sua e quis se sentir aceita. Busca se inspirar no que ela achou bonita, mas o narrador lança uma crítica a respeito dessa atitude. Quando ele sugere que de jeito nenhum ela conseguiria ficar igual à prima Constança, nos antecipa que mesmo que ela tente, não vai conseguir mudar sua verdadeira identidade. Esse foi um dos poucos momentos em que se sentiu vaidosa, se arrumar não faz parte dos seus costumes.

Os filhos de Constança estranham a mudança da moça, mas a mãe deles aprova a atitude, tanto que resolve intervir e ajudar. De acordo com o narrador Dourado (2010, p. 37):

Vou lhe ajudar na arrumação, ver o que você precisa. Biela fez que não, não queria dar trabalho. Já se arrependia da ideia de um novo arranjo no penteado. Mas Constança insistiu, não era trabalho nenhum, tinha até muito gosto em ajudá-la.

É a partir deste ponto da narrativa que Biela começa a enfrentar uma violência simbólica. A marginalização de Biela representa uma violência simbólica, sendo uma exclusão sutil que a obriga a modificar sua identidade para se adequar aos padrões sociais. Bourdieu (2002) define essa violência como a imposição de valores que aparentam ser "naturais", mas que sustentam as hierarquias de poder. Ela é discreta e a vítima muitas vezes não percebe o que está enfrentando. Biela percebeu que não foi uma boa ideia ter mudado o seu penteado, pois isso deu oportunidade para que Constança interferisse no seu modo de se vestir.

No contexto do enredo, a violência simbólica se faz presente desde a imposição do casamento arranjado até a transformação nas vestimentas da personagem. Ela resiste de maneira silenciosa às normas que lhe são propostas. Constança verifica as peças que a prima tem na cômoda e se depara com roupas antiquadas. Então decide levar a jovem à loja de seu Gaudêncio para comprar roupas novas. A ideia de sair deixa Biela assustada. Ela não se imagina mudando seu jeito de se vestir. Constança ficou muito entusiasmada com a ideia de transformar a prima em outra pessoa. De acordo com o narrador Dourado (2010, p. 37):

Você vai ver cada esguião, cada surá, cada velbutine, cada veludo, cada tafetá que ele tem. Você vai ficar outra, vai ver. Prima, disse Biela tentando interromper o entusiasmo da outra, estes panos são caros, não são pra mim, não posso. Não pode como? Eu já não disse que você pode? Olha, Conrado não é sovina nem com o dinheiro dele, não há de ser com o seu, para gastar com você, que ele vai fechar a mão. Já disse e repito, deixa tudo comigo que você vai ver. Eu tenho uns modelos de uma revista francesa que Conrado trouxe do Rio, que vão ficar muito bem em você. Eu chamo Marieta para vir coser aqui em casa. Eu ajudo nos arremates.

A personagem tenta informar que não gostaria de passar por essas mudanças, mas Constança insiste. Ela acredita que seja por conta dos valores dos vestidos, mas

não é essa a questão. Biela não se imagina vestindo esse tipo de roupa. “Esguião” remete a uma linguagem regional, acreditamos que se trata de um tecido fino. “Surá” também é um termo regional e compreendemos que é um tipo de seda utilizada nos vestidos de época. Biela acha bonita a forma como Constança se veste, mas gosta somente de admirar. Não se imagina vestida da mesma forma. Constança fica muito animada com a ideia de transformar a jovem em outra pessoa. Biela, por outro lado, sente-se miserável e inadequada. Por isso, aceita a imposição da transformação. A pressão sobre Biela para mudar é um exemplo de violência simbólica. Ela é lembrada de que, para ser aceita, deve deixar sua identidade. Esse tipo de violência a marginaliza e intensifica seu desconforto com normas sociais.

Ao saírem para fazer compras, Biela se esquia de Constança. Sente-se desconfortável em ter que passar por essa mudança. Constança observa o comportamento de Biela e pensa que não há nada na prima que revele uma alma feminina. Ela não se veste como as mulheres da cidade e não é uma moça delicada como Constança. De acordo com o narrador Dourado (2010, p. 39): “Meu Deus, que bicho, primo Juvêncio criou! Isto não é gente, pensou Constança pela primeira vez sem caridade. A presença da prima Biela a rebaixa, lhe ofende a feminilidade.” Constança sente-se ofendida ao andar com a jovem, pelo fato dela ser o seu oposto. Isso lhe rebaixava diante da sociedade. Por ela ser conhecida como uma mulher muito bonita e elegante, não pode ser vista com uma pessoa tão deselegante. De acordo com o narrador Dourado (2010, p. 39):

Agora tinha vergonha de se encontrar com alguma amiga, ela que era impecável, ela que servia de modelo para todas. Precisava arranjar um jeito de explicar que Biela não tinha nada a ver com ela, era parente lá de seu marido. E os defeitos de Biela cresciam desmesuradamente aos seus olhos, quando os via com os olhos das possíveis amigas com quem se encontrasse. O orgulho ferido, a vaidade arranhada, Constança era outra: parecia ter deixado em casa a sua natural bondade, o manto de compreensão e doçura.

Constança sente vergonha de ser vista com Biela ao seu lado. Ela se veste como uma princesa, com vestidos brancos e bordados, como citamos anteriormente. Busca ser um exemplo de feminilidade, beleza e elegância. Insatisfeita com a identidade de Biela, sente que precisa modificá-la. Transformá-la em outra mulher. A jovem é pressionada a seguir as normas de gênero. O intuito de Constança é fazê-la se vestir de maneira adequada. Torná-la mais feminina e delicada para conseguir

atrair um bom marido. Esse aspecto remete à teoria da mística feminina que discutimos anteriormente.

A teoria da mística feminina de Friedan (1971) explica a marginalização de Biela, relacionando-a as expectativas sociais e culturais para mulheres em um sistema patriarcal. Friedan, em sua obra, aborda a mística feminina, que sugere que as mulheres devem buscar satisfação apenas como esposas, mães e cuidadoras, focando no lar, família e beleza. Esse ideal é uma imposição social que limita a mulher ao espaço privado e a impede de buscar outras formas de realização, como carreira ou autonomia. A mística feminina se revela na marginalização de Biela. Constança busca moldar Biela para que cumpra as expectativas sociais, encorajando-a a se vestir e agir de forma mais "adequada". Essas exigências mostram o ideal da mística feminina, que diz que as mulheres devem focar na aparência e no comportamento para agradar os outros, especialmente a sociedade, e conseguir um bom marido.

Constança propaga as ideias sexistas do patriarcado e impõe-nas a Biela. Ela reforça essa ideia do papel tradicional da mulher. A personagem busca tornar a prima em uma mulher mais feminina e “apresentável”, de forma que ela consiga ser aceita pela elite da sociedade. Biela vive sob o olhar de julgamento por não corresponder às expectativas da prima e por não ter a feminilidade aguçada. Constança tenta transformá-la em uma pessoa mais delicada e com modos, mas não consegue.

Biela tenta mudar sua identidade para se encaixar nos papéis de gênero que são atribuídos à mulher, mas ela não consegue mudar sua verdadeira essência. Não se sente confortável com as suas roupas novas. Passa a andar com os braços abertos, com receio de amassar o vestido. Constança tenta deixar Biela mais elegante e feminina, mas ao invés disso ela acaba ficando com o aspecto grotesco. A sua tentativa de se moldar a esses padrões impostos foram forçadas e mal sucedidas. Conrado busca consolar a esposa. De acordo com o narrador Dourado (2010, p. 42):

Minha filha, você está fazendo disso um cavalo de batalha. Fez o que pôde, mais não podia. Não é por boiar nágua que laranja vira peixe. Se ela é desengonçada, a culpa não é tua. Nem dela, gerada e vivida no mato. Ela nasceu assim, encruou, tem de morrer assim. Pau que nasce torto, só machado endireita. Deixa pra lá, não se afomente.

Conrado compreende que não tem como mudar a identidade da prima, por ela ser uma moça desengonçada. Ela foi criada no interior e não teve uma figura feminina

para lhe ensinar como se vestir e como agir. Por esse motivo, não tem a “feminilidade” aflorada como Constança gostaria que ela tivesse. Essa inadequação de Biela é uma forma da narrativa questionar os papéis de gênero e as pressões sociais. Isso causa uma reflexão sobre a autonomia feminina em uma sociedade patriarcal. Ela não poderia continuar utilizando as mesmas vestimentas, pois nenhuma mulher na cidade se vestia da mesma maneira que ela, então se fez necessário seguir o padrão da sociedade.

Constança tentou, mas não conseguiu mudar a identidade de Biela. A protagonista até tentou se encaixar na “caixinha” criada pelos papéis de gênero, porém não conseguiu se adaptar. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 43): “Depois de todo o trabalho, não se consolava: quanto surá, quanta velbutine, quanto esguião, quanto veludo, quanta seda, quanto tafetá, quanta renda, tudo botado fora”. Este trecho simboliza a frustração de Constança ao reconhecer que não conseguiu transformar Biela em uma moça mais feminina. A partir deste momento, Constança segue o conselho do marido e desiste de tentar mudar Biela, pois se trata de uma jovem de 18 anos com gostos e opiniões formadas, não havia como mudar sua identidade. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 44):

No princípio, só Biela parecia não dar conta da sua triste figura. Tinha a certeza de que não estava bem, se olhava no espelho. Os vestidos pareciam que não eram dela. Via a sua cara, as suas mãos rudes que brigavam com aqueles panos. Mas achava-os bonitos, e sozinha no quarto, sentia um certo prazer em alisá-los, em esfregar o rosto na macieza dos panos, em sentir-lhes o cheirinho novo. Pensava que todo mundo devia se sentir assim da primeira vez. Aos poucos, pelo olhar de Constança e das meninas, pelo riso dos meninos, pelas macaquices de Alfeu, foi percebendo o papel que fazia. Tinha ódio da família, da humanidade, da vida.

Biela não se sente bem ao adotar essa forma de se vestir. A expressão “suas mãos rudes” simboliza que ela é uma personagem bruta que não tem delicadeza e não se identifica com esses vestidos delicados, porém aprecia a beleza deles, mas não nela. Ao olhar para sua família, percebe o descontentamento deles com os seus modos. Mesmo tentando, ela não consegue se sentir confortável em mudar sua identidade, vai contra a sua natureza. Ao perceber que está virando motivo de riso entre sua família, Biela percebe que está fazendo papel de ridícula diante de todos. A partir desse acontecimento, decide que vai mostrar sua verdadeira essência. Afinal,

só aceitou essa mudança por imposição de Constança. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 44): “Essa sua maneira de lutar com a vida. Aceitava as humilhações como uma prova que tinha de vencer para se ver gente. Transformava tudo numa luta de vida ou morte”. Essa passagem da narrativa demonstra a razão de Biela aceitar passar por essa transformação. Ela acreditava que precisava mudar para ser considerada gente.

Biela percebe que seguir essas regras a incomoda, e assim podemos entender que cada um deve ser livre para ser autêntico, sem a obrigação de agradar. Isso combate o patriarcado e cria uma sociedade com oportunidades iguais de felicidade para ambos os sexos. Quando Biela rejeita as normas de gênero, isso a exclui socialmente. As pessoas que a cercam a consideram "errada" ou "incompleta" por não se conformar ao papel de mulher ideal da sociedade patriarcal. Essa inadequação a rejeita e impede sua plena participação no espaço social da cidade. As normas de gênero se tornam claras quando Constança tenta ajustar Biela ao comportamento esperado das mulheres. Essas regras incluem: Vestir-se "adequadamente", ser reservada e obediente, preocupar-se com a aparência e a opinião dos outros. Biela tenta se adaptar às expectativas, mas se sente mal por tentar ser quem não é.

A partir do momento em que Biela decide não seguir mais essas regras, é considerada uma figura "fora do lugar". A sociedade patriarcal usa essas normas para moldar e controlar as mulheres. Quando uma mulher, como Biela, não se adapta, é marginalizada e excluída, tornando-se um "outro" neste sistema. O patriarcado estabelece normas de gênero que marginalizam Biela. Ele estabelece um sistema em que as mulheres devem seguir papéis determinados, enquanto os homens têm mais liberdade e poder. A tentativa de Constança de mudar Biela evoca ideias patriarcais, ela acredita que Biela precisa se adaptar aos padrões do sistema para ser aceita.

O patriarcado impõe como Biela deve agir e a exclui por não se adaptar. Essa estrutura transforma a inadequação de Biela em uma falha pessoal, quando na verdade é a sociedade que a rejeita por normas limitadoras e injustas. O sistema patriarcal marginaliza os que não se encaixam, como Biela, e intensifica o controle sobre as mulheres.

Biela tenta se adaptar a essas expectativas criadas pela sociedade, mas se sente desconfortável por ter que adotar uma identidade que não lhe pertence. Esse desconforto lembra o "problema que não tem nome" descrito por Friedan (1971): um vazio em mulheres pressionadas a seguir papéis restritivos, sem liberdade para

explorar suas verdadeiras identidades. Biela, ao tentar se encaixar, sente desconforto com sua identidade em vez de satisfação. A insatisfação representa a dificuldade de se adequar a um modelo que a impede de ser ela mesma.

Biela é marginalizada por não atender às expectativas da mística feminina. Ela é considerada inadequada, um "outro" que a sociedade rejeita. Esse isolamento mostra o que ocorre com mulheres fora do padrão; elas são excluídas, desvalorizadas ou estigmatizadas. Quando Biela não atende às expectativas de Constança e da sociedade da cidade, ela não é apenas criticada, mas excluída e marginalizada. Essa exclusão é uma forma de punição social pelo fato de ela não cumprir o ideal de feminilidade imposto pela mística feminina.

Autran Dourado usa a marginalização de Biela para mostrar as limitações impostas às mulheres pela mística feminina. Essas exigências são opressivas e desumanizantes, obrigando as mulheres a abdicar de sua identidade e liberdade para seguir padrões que não atendem suas necessidades ou desejos. A história de Biela ilustra como o ideal de feminilidade pode aprisionar as mulheres e, ao mesmo tempo, excluir aquelas que não se ajustam. Ao retratar o desconforto e a rejeição enfrentados por Biela, a narrativa questiona se as normas sociais impostas às mulheres são justas ou sustentáveis.

A mística feminina ajuda a explicar a marginalização de Biela porque revela como as expectativas sociais de gênero restringem as mulheres e punem aquelas que não se adequam. No caso de Biela, ela é pressionada a se encaixar no ideal de feminilidade (bela, elegante, obediente). Ao não conseguir atender a essas expectativas, ela é marginalizada. Seu desconforto manifesta a insatisfação descrita por Friedan, mostrando que essas normas são opressivas e artificiais. A análise de Biela sobre a mística feminina mostra como as normas de gênero e o patriarcado excluem mulheres que não seguem papéis tradicionais. O desconforto de Biela mostra a violência simbólica de um sistema que força as mulheres a optar entre conformidade e exclusão. A obra de Autran Dourado se alinha à crítica feminista, questionando as restrições às mulheres e as consequências de ignorar essas normas.

Os padrões estéticos que Biela tenta alcançar não são simples tendências da moda, mas parte de um mecanismo maior de controle social que impõe comportamentos e aparências esperados das mulheres. Essas normas sustentam uma hierarquia de gênero que privilegia os homens. Quando Biela é pressionada a mudar sua aparência e comportamento, o objetivo não é apenas "estar na moda", mas

cumprir um papel social específico. Essa expectativa de adequação estética e comportamental visa moldar mulheres para atender às demandas de um sistema patriarcal, como serem desejáveis para os homens ou aceitáveis pela sociedade, restringindo sua autonomia.

As normas estéticas e comportamentais mencionadas na obra não afetam homens e mulheres de maneira igual. Elas são construídas dentro de um sistema patriarcal, no qual as mulheres são frequentemente objetificadas e avaliadas com base em sua aparência e comportamento, enquanto os homens têm maior liberdade em relação a essas exigências. As exigências estéticas não são neutras, mas direcionadas às mulheres porque, em sociedades patriarcais, elas frequentemente são reduzidas a objetos de apreciação estética e a papéis limitados, como esposas, mães ou figuras decorativas. Essas pressões reforçam a subordinação feminina, enquanto os homens, nesse mesmo sistema, não são cobrados a aderir de forma tão rígida a normas estéticas.

Lerner (2019) discute a estrutura do patriarcado e como ocorre a subordinação de mulheres. Esse sistema depende da colaboração das próprias mulheres. Esse aspecto ocorre no contexto da obra quando Constança impõe sobre Biela as normas de gênero. Ela está cooperando com o sistema patriarcal, fazendo com que ele permaneça moldando e influenciando a vida das mulheres. Hooks (2018) aborda que os padrões estéticos não são neutros. Eles fazem parte do sistema patriarcal que naturaliza a subordinação feminina. O feminismo desafia esses padrões estéticos que são oriundos de um pensamento sexista. Antes do feminismo, as mulheres eram educadas a acreditar que o seu valor dependia da sua beleza, principalmente em relação à validação masculina. A cultura patriarcal promove uma imagem de aparência perfeita.

O narrador da obra *Uma Vida em Segredo* não foca em outras relações além da personagem Biela com sua família. Entretanto, interpretamos que não é somente Biela que enfrenta essas pressões de gênero. As filhas de Constança também encaram o mesmo dilema. Uma vez que a sociedade impõe que todas devem arranjar pretendentes, se casar e viver em prol de sua nova família. Na narrativa, as moças casam uma seguida da outra para que nenhuma seja considerada “solteirona” ou “encalhada”.

Os homens, por outro lado, não são submetidos a essas pressões que as mulheres enfrentam. O que demonstra o caráter de gênero dessas exigências. No

entanto, eles se beneficiam delas, uma vez que podem ter ao lado uma esposa “bonita”, “elegante” e “feminina” que passa tanto tempo cuidando da aparência que não tem tempo para realizações ou ambições pessoais. A narrativa não menciona que os homens são preocupados com aparência ou comportamento. Isso reforça a ideia de que essas normas são “vagas”, mas específicas de gênero.

A trajetória de Biela mostra como as normas de gênero e o patriarcado excluem mulheres que não seguem as expectativas sociais. Sua exclusão evoca um sistema que descarta quem não cumpre os papéis estabelecidos. Autran Dourado questiona implicitamente a marginalização de Biela, evidenciando como essas estruturas restringem a liberdade e a identidade das mulheres. A análise de Biela exemplifica como o patriarcado usa normas de gênero para controlar e marginalizar, além de fazer refletir sobre a resistência e a rejeição a essas imposições.

5.3 O espaço na construção da marginalização de Biela

O espaço é um elemento significativo que se faz presente na narrativa *Uma Vida em Segredo* e que faz parte tanto do Regionalismo como do Neorregionalismo literário. Destacaremos como a transição do rural para o urbano influencia na construção da subjetividade de Biela. A personagem é simples, uma moça do interior que não consegue se adequar aos costumes e modos da cidade. Ela vive em seu “mundinho”. Com frequência, lembra-se da sua vida na Fazenda do Fundão. Dentre suas lembranças, a sua recordação mais frequente é de sua mãe e da música que ela cantava para Biela quando criança. Essas lembranças são importantes, pois demonstram o sentimento que a personagem tem pelo espaço rural, mais especificamente pela Fazenda do Fundão. A família de Conrado tem crenças e costumes diferentes dos que Biela estava acostumada. Esse aspecto causa desconforto na personagem. Ela encontra dificuldade em se adaptar ao espaço urbano.

Autran Dourado consegue nos prender na narrativa, nos faz vivenciar o drama que Biela vive ao tentar se encaixar nos papéis de gêneros impostos pela sociedade urbana. Ela tem um apego emocional muito forte com o interior, porém, como ela desenvolve um afeto por Constança, acaba cedendo às pressões relacionadas à mudança. Ela se submete a uma transformação para agradar sua família,

especialmente a esposa do primo Conrado. Entretanto, a jovem não consegue se adequar. Sente-se desconfortável e deslocada. Por conta disso, acaba se fechando para o contato com a família e busca se consolar em cômodos da casa.

O espaço é um elemento que não serve somente como composição estrutural da narrativa. Não é um mero acessório, ele tem uma participação significativa em obras literárias. A esse respeito, Brito (2017, p.103): “Ele influencia e é influenciado pelos personagens, pela linguagem, pelo desenvolvimento da narrativa.” O espaço é um dos alicerces do Neorregionalismo. Ele interfere na construção da subjetividade das personagens.

Biela foi criada na roça e tem como espaço afetivo a Fazenda do Fundão. Ela é apegada às lembranças de sua infância e de sua vida interiorana. Morou até os dezessete anos na zona rural e, após a morte de seu pai, migrou para a zona urbana. Biela tem sua identidade formada e, após essa transição para o espaço urbano precisa modificá-la. Ao se mudar para a cidade, sente saudade de sua vida no interior. Ela enfrenta dificuldades na adaptação às normas sociais. Constança é o posto de Biela. Ela é vaidosa e segue a moda que a sociedade dita. Tem educação e é ativa socialmente. Percebemos a diferença que o espaço faz observando o comportamento das duas personagens. Uma foi criada no espaço rural e tinha interações somente com o pai, enquanto a outra foi criada no espaço urbano e tem uma vida social ativa.

O espaço revela os papéis de gênero que são impostos às mulheres. Por meio desse elemento, conseguimos compreender como ocorre a dependência da mulher no homem. A transição do espaço rural para o urbano ocasiona um conflito interior em Biela. Ela sente-se desconfortável e passa a viver um drama entre a sua vida interiorana e o seu novo lar, repleto de normas sociais. A cidade é um espaço social no qual as regras são mais complexas e os papéis de gênero são mais reforçados, além da interação com as pessoas ocorrer com mais frequência. A Fazenda do Fundão é a representação de uma vida mais pacata, voltada para relações familiares, o carinho e o afeto.

Biela enfrenta um conflito interno quanto à falta de adaptação ao espaço urbano. Constança assume um papel de “mãe” ao buscar ensinar-lhe os costumes da sociedade. Seus modos, as vestimentas e a aparência não correspondiam às expectativas impostas pela sociedade da época. A esse respeito, Scherer (2016, p. 88) ressalta:

Tudo em Biela parece incomodar e intrigar a família. Suas roupas são logo substituídas por outras, de tecidos finos e caros. Afinal não “ficaria bem” para uma moça rica usar chita, pois esse tipo de tecido simbolizava a roça. E a roça agora é passado. Metida em vestidos que lhe limitam os movimentos e lhe sufocam o pescoço, Biela tenta acatar e seguir os aconselhamentos de Constança, ao mesmo tempo em que se esforça para ser aceita.

Como discutimos no tópico anterior, os papéis de gênero estão presentes na narrativa. Eles são impostos por Constança em decorrência do meio social em que elas estão inseridas. As personagens vivem na cidade, por essa razão devem seguir os costumes e normas que fazem parte da sociedade. A transição de Biela do espaço rural para o espaço urbano ocasiona mudanças em sua vida. Ela não estava familiarizada com tantas normas e não conseguia se adaptar a esse meio. Sobre esse aspecto, Brito (2017, p. 109) destaca: “Observamos que a saída do rural para o urbano acentua mudanças significativas no molde dos enredos e também nos personagens”. Essa transição do espaço rural para o urbano é uma característica do Neorregionalismo.

Ao chegar à cidade, Biela precisa passar por mudanças que são significativas para o desenrolar da narrativa. Ela encara um sentimento de conflito entre a tradição rural a que estava acostumada e a vida na cidade. Estar no espaço urbano lhe causa estranhamento, ela se sente deslocada. Scherer (2016, p.88) destaca:

Biela aparenta simplicidade e timidez extremas e mantém, ao longo da história, uma grande dificuldade de adaptação ao lugar, aos hábitos e aos costumes daquelas pessoas. Tudo é desconhecido, estranho, diferente. Vista como uma caipira, que não se desliga da roça, Biela passa a ser analisada pelos familiares. Entre piadinhas e cochichos, todos reparam nas roupas e maneiras da jovem. Diante da singularidade da moça, dona Constança procura fazer o que pode para acolhê-la, ao mesmo tempo em que se esmera para modificar e refinar aquele comportamento estranho e descompassado.

Esse conflito entre o espaço rural e o urbano é essencial para o desenrolar da narrativa e para a construção da subjetividade da personagem. A personagem não se sente pertencente ao espaço urbano e isso causa uma tensão. Essa tensão que ocorre entre personagem e espaço é um dos pilares que constitui o Neorregionalismo. Sobre a sensação que Biela sentiu ao chegar a sua nova moradia, conforme a narrativa Dourado (2010, p. 28):

Teve uma visão da casa, da sala, do móvel escuro que ela não sabia o que era, de prima Constança, das meninas, de tudo aquilo que, de agora em diante, fazia parte de sua vida, tinha de ser a sua vida. E, como era de novo um ser no mundo, teve a percepção do mundo em que agora ia viver.

Biela está diante de uma realidade diferente da sua. O objeto que ela não sabe o que é trata-se de um piano. Esse objeto é um símbolo de sofisticação utilizado por pessoas que gostam de música clássica. A moça não tem conhecimento desse objeto por não fazer parte da sua cultura na vida rural. Diante desse objeto, ela se dá conta de que está em outro mundo desconhecido. O fato de ela desconhecer um objeto clássico remete ao isolamento em que ela vivia no espaço rural. Na Fazenda do Fundão, Biela não foi ensinada sobre religiosidade e na cidade essa é uma temática recorrente entre as mulheres da sociedade. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 34): “Só sabia metade da ave-maria e uma quadrinha que lhe ensinaram pequena e ela dizia toda noite antes de se deitar.” Biela não foi ensinada a rezar e Constança busca ensiná-la. Isso demonstra a sua invisibilidade na vida rural. Ao conhecer os hábitos da cultura urbana, sente-se fora dos padrões.

Biela encara a solidão em sua vida urbana, por conta da sua falta de identificação com o espaço. O quarto em que ela reside na casa dos primos é onde se sente mais à vontade, pois ela guarda nele os seus pertences da Fazenda do Fundão. Esse espaço da casa é onde ela resgata suas lembranças e onde reflete sobre a situação em que se encontra.

A protagonista cogita pedir ao primo para voltar a morar na Fazenda do Fundão. Ela sente saudade de sua vida na zona rural. Biela sente que o espaço urbano não lhe pertence, mas precisa encarar a nova realidade. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 31):

Não poderia continuar mais lá, o Fundão ficara atrás como um dia morto, talvez para sempre, para sempre. Agora tinha de viver com os primos na cidade, uma família que ela já ganhara feita. Mas para lá se voltava nos momentos de desespero, quando se sentia mais sozinha e em torno de si via o mundo de uma agressividade sem limites. Talvez tudo fosse passageiro, se acostumaria, procurava se convencer.

Biela tem consciência de que precisa se adaptar a cultura urbana, é esse aspecto que lhe assusta e causa desconforto, mas ela busca se consolar. Nos

momentos de desespero, recorre às suas lembranças dos momentos vividos na Fazenda do Fundão. Essa retomada de suas lembranças é uma forma que ela encontra de não se sentir sozinha. A personagem até tenta se convencer de que vai conseguir se adaptar às normas de gênero, mas acaba não conseguindo modificar sua identidade.

O quarto se tornou o refúgio da personagem. Nesse espaço, ela consegue preservar sua identidade sem precisar fingir ser outra pessoa. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 36):

Os trens de Biela chegaram logo, no lombo de um burro, Gomercindo veio tangendo. Duas canastras de couro preguiado, na tampa as iniciais de Juvêncio Fernandes. Biela se sentia outra com os seus pertences no quarto. Esvaziou as canastras, arrumou os vestidos nas gavetas da cômoda.

O quarto simboliza o mundo de Biela. É onde ela pode agir com naturalidade sem ser julgada. Nesse espaço, ela não precisa vestir uma “máscara social” e fingir ser outra pessoa para corresponder às expectativas da sociedade. Os seus objetos, especialmente as canastras, são uma forma que ela encontrou de preservar sua identidade em meio às pressões para seguir as normas de gênero.

Como discutimos anteriormente, Constança impõe uma mudança no visual de Biela. Depois que Constança verifica as roupas da moça e afirma que ela precisa de vestidos novos, Biela sente uma angústia profunda. Quando Constança sai do quarto, a protagonista sente seu mundo se devastando. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 38):

Tão logo prima Constança a deixou, Biela caiu arriada numa das canastras. Passou os dedos nas tachas, no couro esturricado, nas quinas gastas. Buscava intimidade com o objeto antigo, precisava se apoiar em alguma coisa que fazia parte de sua vida passada, que entranhava no seu ser.

As canastras são uma forma de ela relembrar sua existência na zona rural. Quando Constança informa que elas precisam fazer compras, Biela percebe que está adentrando em um território desconhecido, que não lhe pertence. Sente que está em um mundo que não condiz com sua identidade. Quando está em seu quarto, sente-se

grata por ter um espaço no qual pode se refugiar. O narrador descreve o quarto como um espaço limpo, organizado e cheiroso. Esse espaço se tornou o seu refúgio do mundo dos primos. Como mencionamos anteriormente, na narrativa há dois mundos distintos, o mundo de Biela e o mundo das pessoas que vivem com ela. O quarto é um meio que ela encontrou de nutrir lembranças relacionadas ao seu passado. Essa relação de afeto que ela criou pelo quarto foi necessária por conta da sua falta de identificação com a cultura urbana.

A protagonista sente-se estranha por não se identificar com o novo espaço que habita. O espaço da narrativa é classificado como espaço-lembrança, pois ocorre uma identificação da personagem com narrativas que foram experienciadas na zona rural. Brito (2017, p. 112) destaca: “o espaço é tido como elemento de centramento do sujeito a um aspecto identitário, e quando desprovido dele surgem os conflitos internos”. Além disso, quando não ocorre uma identificação com o novo espaço, surgem os conflitos. A personagem Biela se torna alheia ao mundo urbano. Ela não se sente pertencente ao meio urbano. O novo espaço apresenta costumes que não fazem sentido para a personagem. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 45):

A vida de todo dia de prima Biela era de uma monotonia, de uma lerteza sem fim. Passava horas no quarto, sentada na canastra que tinha sido do pai. Eram as suas horas de meditação, se é que se pode chamar de meditação aquilo que ela praticava. Pensava na sua vida lá longe, adormecida na Fazenda do Fundão.

Biela não consegue criar um vínculo de identificação com a cultura urbana, por conta disso se isola no quarto. Ela tem um apego emocional à canastra, pois o objeto traz à tona lembranças de sua vida rural. Esse aspecto da memória será discutido posteriormente. Esse sentimento de inquietação fez com que a personagem se tornasse solitária em meio aos costumes a que ela não estava habituada. Entretanto, aos poucos ela cria um vínculo de identificação com os criados da família. Com eles, Biela sente-se livre para ser quem realmente é, sem ter que vestir uma máscara social. Inicialmente, Constança não gosta dessa relação e busca fazer com que Biela mantenha distância deles. No entanto, quando percebe que não consegue mudar a verdadeira identidade da prima, ela acaba deixando de se importar.

A relação de Biela com os criados é interessante, pois se trata de uma forma que ela encontrou de não se sentir julgada, por estar entre seus semelhantes. Conforme a narrativa Dourado (2010, p. 33):

Lá, com a velha Joviana e Gomercindo, com a gente miúda, se sentia mais à vontade, como se estivesse na Fazenda do Fundão. Conversava um pouco, chegava mesmo a contar uns casos. Se abria para as amizades. Eram seus iguais, comiam feito ela, não riam dos seus modos, de sua falta de jeito; quando não comiam com as pontas dos dedos, seguravam o garfo e a faca do mesmo modo; às vezes comiam só com a faca.

Essa amizade que a personagem cria com os empregados é uma forma de se sentir menos solitária e mais acolhida. Além disso, é um meio de manter as lembranças do passado vivas. Uma vez que os criados vivenciaram experiências semelhantes com as de Biela e compartilham os relatos de sua cultura. Sobre essa relação que a personagem cria com os empregados, o narrador Dourado (2010, p. 46) destaca: “Gomercindo era um mensageiro misterioso do reino de onde ela viera, quando voltava de suas andanças pelos matos a serviço do primo Conrado. Como viu que ela gostou do mel de pau, trazia-lhe sempre frutas do mato.” Esse personagem nunca tratou Biela como uma “senhora”, eles criam um vínculo por terem os mesmos gostos e compartilharem da mesma cultura. Ambos passam a conversar sobre assuntos que Biela compreende e gosta. Enquanto com sua família os assuntos são outros, que ela não tem o menor conhecimento.

A personagem enfrenta um conflito. Ocorre uma dualidade entre a tradição rural e a cultura urbana. Com o passar do tempo, ela se revolta contra sua família, especialmente contra Constança, e decide voltar a utilizar seus antigos vestidos. Essa é uma forma que ela encontra de resistir às normas de gênero impostas por Constança, em decorrência da cultura em que elas estão inseridas. Entretanto, essa forma de enfrentamento não causa estranhamento na sua família. Quando Constança percebe que não tem como modificar a identidade de Biela, ela desiste de insistir na transformação. Constança passa a aceitar que não há como mudar a essência de Biela e decide deixá-la viver da forma que deseja.

O tempo foi essencial para que Biela fosse aos poucos desenvolvendo sua autonomia. Aos poucos ela compreende que não tem como esquecer suas origens e esse apego ao passado é o que lhe faz resistir à ideia de se encaixar em uma

“caixinha” com normas, que ditam como ela deve ser. O espaço desempenha um papel significativo na construção da marginalização de Biela. Ao chegar à cidade, ela fica alheia ao mundo e é excluída por ser diferente, mas quando cria um vínculo com os empregados da casa, percebe que não há nada de errado em ser diferente e que para outras pessoas ela tem o seu valor, da maneira que é, sem precisar alterar nenhuma característica. A relação que ela constrói com Joviana e Gomercindo é necessária para estabelecer sua autoconfiança e construção da sua subjetividade. As conversas que eles compartilham juntos são essenciais para a preservação da memória cultural que Biela tem.

Ao assumir sua verdadeira identidade, voltando a usar os seus vestidos antigos, ela passa a sentir mais “liberdade” para ser quem ela é e decide tomar suas próprias decisões. Biela decide mudar para um quarto que fica no fundo da casa. Ela se isola de sua família, exceto de Mazília com quem tem uma boa relação, e passa a se integrar de vez com os empregados. O narrador destaca Dourado (2010, p. 80):

Prima Biela tinha mudado muito. Algum tempo depois, foi que Constança, Mazília, Conrado, todos repararam. Mas não deram maior importância à nova prima Biela que a vida lhes dava. Tão depressa se acostumaram com o feitio simples, inofensivo, silencioso de prima Biela, que ela realmente virou uma coisa de casa, se esqueceram dela. Agora prima Biela deslizava familiarmente como um gato pelas salas, pelos corredores, pelos quartos, pela cozinha.

A transição do espaço rural para o urbano causou diversos conflitos internos em Biela. A personagem buscou se adaptar às mudanças. Entretanto, não conseguiu esquecer suas origens e o apego ao passado. Ao descobrir que os empregados compartilham da mesma cultura que ela, a moça passa a compreender que existe uma “comunidade”, na qual ela é aceita. Passa a refletir sobre os acontecimentos e decide se fechar para relações com seus familiares. O seu quarto representa um lugar seguro, no qual se sente acolhida pelos seus objetos que remetem à vida rural. Essa mistura de lembranças com a realidade faz a personagem tomar conta de sua origem. O quarto é o espaço no qual ela toma a importante decisão de assumir a sua identidade e voltar a se vestir da maneira como chegou à cidade. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 80):

De repente, pela primeira vez naquela casa, se sentia segura. Pela primeira vez, não tinha medo. Pela primeira vez, viu que devia

recomeçar toda a sua vida como se estivesse chegando naquela casa pela primeira vez. Com a diferença de que agora sabia com que gente tinha de lidar. Eles vão ver, ocês vão ver. Viu então claramente o que precisava fazer. Foi até à canastra; abriu-a. Tirou lá do fundo o vestido que usava quando chegou montada no pampa seguindo primo Conrado. Devagar, ela se vestia. Pronta, se mirou de novo no espelho. Um brando sorriso lhe brincou no rosto. Desfez o coque, ajeitou-o, novamente, mais baixo, como sempre gostava de usar. Limpou o sujo das lágrimas. Agora sim.

Ao analisar suas próprias atitudes, Biela passa a compreender que precisa mudar, ou melhor, precisa voltar a ser quem ela sempre foi. Essa sua percepção muda sua mentalidade de que precisava se sujeitar às mudanças para se tornar “gente.”

Dentre os membros da família, a única pessoa com a qual Biela cria um afeto é Mazília. Porém, depois que a moça se casa, a protagonista se isola por completo de sua família e se muda para um quarto que fica no fundo da casa. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 96): “Com a partida de Mazília, a prima Biela se mudou para o quartinho dos fundos, junto da despensa. Um quartinho pobre e pequeno, atijolado, inteiramente desligado do corpo da casa”. A personagem é rica, possui a herança que herdou do pai, mas sente-se feliz no simples. O quartinho dos fundos foi uma forma que ela encontrou de se manter distante da família e mais próxima dos seus semelhantes, uma vez que o espaço fica próximo à despensa da casa. Nesse quarto, a personagem se refugia dos demais membros da família. Esse ato de mudar para um quartinho que fica fora dos luxos da casa simboliza um rompimento e enfrentamento às normas sociais. É uma forma que Biela encontrou de preservar sua identidade, se mantendo próxima das pessoas que compartilham a mesma memória cultural que ela.

5.4 Memória e Identidade

A memória neste trabalho está relacionada à construção da identidade. As lembranças da protagonista são retomadas através de um objeto denominado Canastra. As lembranças que esse objeto desperta causam conforto na personagem. É a canastra que ela recorre quando se sente deslocada no seu meio social. Essas lembranças são significativas no processo de construção da identidade da personagem. O narrador descreve os pensamentos mais íntimos dela. Os

pensamentos de Biela revelam lembranças da sua vida na zona rural. A protagonista não demonstra vaidades e foca o seu tempo em reminiscências.

Brito (2017) aborda que a memória contribui para que ocorra uma valorização de aspectos locais e, por meio dela, ocorre uma resistência em relação à homogeneização da cultura. A tradição local do enredo perpetua normas opressoras, e as lembranças que a personagem tem do seu passado são uma forma dela conseguir resistir às mudanças e buscar conforto. Brito (2017, p. 165); “[...] uma das funções atribuídas à cultura reside no fato de ela produzir sentido, oferecer aos indivíduos uma razão de ser para a realização de tal atividade.” Sendo assim, ao se desfazer de uma cultura e adotar outra, o indivíduo muda seu comportamento e se esvazia de vivências, tanto históricas como sociais. A cultura é algo inerente ao ser humano.

A narrativa *Uma vida em Segredo* se passa em uma sociedade patriarcal que prega normas sociais relacionadas a gênero, com o intuito de encaixar as pessoas em um padrão homogeneizado. Biela é uma personagem subalterna, ela fica em uma condição de marginalizada e vive sob opressão. A temática da memória é recorrente na narrativa, e a inquietação ao se sentir deslocada em seu novo lar traz à tona lembranças do passado, que se misturam com o presente. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 29):

A presença de prima Constança era boa, dava-lhe mesmo uma certa confiança, uma certa ternura. Lembrou-se de uma bondade assim, de uma beleza assim. Uma lembrança antiga, muito distante, neblina gostosa. Como de manhã o pasto molhado de orvalho. No canapé, uma mulher colocou a sua cabeça no colo, alisou-lhe os cabelos compridos, começou a cantar de mansinho, tão brancamente feito um anjo do céu, a cantiga bonita que ela jamais ouvira.

Biela compara a figura de Constança à sua mãe. Por essa razão, ela acaba cedendo às imposições de Constança por ter certa afeição por ela. A jovem tem Constança como uma figura materna e, inicialmente, busca se inspirar nela. Ocorre uma tentativa de padronizar a vida e o comportamento de Biela, e como ela não tem mais acesso à Fazenda do Fundão, o meio que ela encontra de se consolar é resgatando suas memórias.

A personagem enfrenta uma crise em sua identidade. Essa crise é resultado da transição do espaço rural para o urbano. Na obra, há uma oscilação entre o passado

e o presente. Biela busca se apegar ao seu passado como uma forma de resistência e preservação de sua antiga vida. Na narrativa, há dois espaços nos quais ocorre a retomada dessas lembranças. Sendo eles, o quarto e a cozinha, onde mantém conversas com os empregados. O narrador destaca Dourado (2010, p. 38): “Buscava intimidade com o objeto antigo, precisava se apoiar em alguma coisa que fazia parte de sua vida passada, que entranhava no seu ser.” No quarto, Biela busca agarrar a canastra. Objeto que lhe pertencia quando morava na Fazenda do Fundão.

Um fato significativo é que a narrativa analisada surgiu de um sonho que o escritor teve. Ele dormiu e sonhou com sua avó e um objeto que pertencia a ela, uma canastra. A personagem Biela foi inspirada em uma prima do escritor, chamada Rita. Portanto, as canastras presentes na narrativa não são meros objetos. Elas representam as recordações que o escritor tem de sua família. A canastra representa uma ligação entre o presente e o passado do escritor.

Biela não consegue esquecer seu passado e, por conta disso, fica lembrando-se de suas vivências na Fazenda do Fundão. A personagem sente uma admiração por Constança, pelo modo dela de ser elegante e fina. Por conta disso, tenta se encaixar, mas, por não conseguir, se sente excluída e busca consolo na sua memória de acontecimentos da infância. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 45):

Os melhores momentos ainda continuavam a ser quando se lembrava da mãe sentada no canapé, afagando-lhe a cabeça, a cantiga mais linda e mansa que ela cantava brancamente, lentamente, feito uma nuvem preguiçosa no céu. Sentia de novo o mesmo quentume gostoso e antigo que sua alma guardava.

Biela tem um carinho pela mãe que morreu quando ela ainda era criança. Ao longo da narrativa, resgata lembranças que tem de sua mãe. A semelhança de Constança com a mãe de Biela fez a personagem se alienar em relação ao patriarcado. Porém, isso dura pouco tempo. Tendo em vista que cumprir com as normas opressoras causa desconforto na personagem.

As memórias de Biela são fragmentadas e ela é influenciada pela estrutura patriarcal. Trata-se de uma personagem subalterna que acaba sendo marginalizada por não conseguir se adequar às normas impostas. Sua memória está relacionada ao seu passado, lembranças fragmentadas da mãe e de sua vida na zona rural. A sua

identidade acaba sendo anulada em meio às pressões sociais para se encaixar no seu novo mundo.

A memória cultural se faz presente na narrativa e nos revela como a tradição impõe as normas de gênero. Autran Dourado retrata a cultura mineira em um contexto patriarcal. O escritor faz uma crítica social às mulheres que são marginalizadas e silenciadas, assim como Biela. Ele expõe a violência simbólica que ela enfrenta por meio de Constança, que lhe impõe as normas de gênero. A ausência de uma memória ativa nos revela a alienação que o patriarcado causa. Biela não pode viver como gosta, se faz necessário abrir mão da sua identidade e passa a vestir uma máscara social para assumir uma personalidade que não condiz com sua essência.

Ela tem costumes diferentes dos seus primos, por essa razão se sente deslocada. A moça vive um conflito interno em relação à nova vida, mas desenvolve uma relação significativa com os empregados da família. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 47):

Os dois agora falavam de curiangos, de saracuras, de codornas, de socós, de nhambus, de mutuns, de macucos, ou dos variados passarinhos que faiscavam nos brejos e voejavam nos cimos das árvores. De como era o biquinho de um, o peito emplumado de outro, o rabinho rabicó daquele. Falavam de coisas que ela entendia.

Esse trecho revela a relação que Biela construiu com os empregados da família. Gomercindo e Joviana compartilham lembranças e experiências que têm em comum. Biela passa a comer na cozinha após desenvolver uma amizade com os criados. Inclusive, passa a ajudá-los em serviços da casa. Com eles, ela sente que pode ser a pessoa simples da roça. Esse vínculo que ela cria com eles é o que colabora para a construção da sua identidade, que estava sendo anulada pelas normas opressoras. Eles compartilham do mesmo mundo que Biela.

Todas as lembranças de Biela são referentes a momentos vividos na Fazenda do Fundão. Ela tem o seu próprio mundo e se apega a ele como forma de preservar suas origens. A memória cultural é um mecanismo que preserva a opressão no contexto da vida urbana e reproduz crenças e tradições que anulam a identidade da personagem. Por outro lado, a memória coletiva que Biela compartilha com os empregados de experiências vividas por ambos contribui para que a personagem

compreenda que, entre as pessoas certas, ela não precisa anular sua identidade para ser aceita.

5.5 Resistência feminina: silêncio e subversão

A personagem Biela enfrenta situações nas quais se mantém em silêncio na narrativa. Ela é silenciada pelo contexto exterior, pelo ambiente social e político em que se insere. O seu silêncio deve-se à marginalização em que se encontra. Biela utiliza o silêncio como uma forma de resistência. Ela aceita em silêncio as normas que lhe são impostas, essa atitude é uma forma de preservar sua identidade e essência. É um meio que ela encontrou de manter sua individualidade. No quarto em silêncio, a personagem tem devaneios relacionados à sua vida interiorana. Quando fica sozinha, busca resgatar suas lembranças da vida na zona rural. O silêncio foi uma forma que ela encontrou de manter ativa a sua identidade, mesmo que seja uma forma precária.

Ao chegar à cidade, Biela se vestia de maneira simples e humilde, porém Constança impõe que ela deve mudar suas vestimentas, como discutimos anteriormente. A personagem tenta questionar, mas acaba ficando em silêncio diante da situação. Compreendemos que ela aceita as normas sociais de maneira passiva, mas, ao mesmo tempo, em silêncio, ela busca resistir e não cede por completo às expectativas.

O silêncio de Biela pode ser compreendido de duas formas; a primeira corresponde a uma alienação. Ela se submete às normas impostas pelo patriarcado sem questionar o motivo pelo qual deve passar por essas mudanças, desde a imposição das roupas novas até o casamento arranjado. A segunda: o silêncio corresponde a uma estratégia de resistência que ela encontrou. Apesar de não questionar as imposições abertamente, ela também não age completamente da maneira que esperam.

Biela é uma jovem rica, herdeira de uma fazenda de gados que fica situada no interior de Minas Gerais. Entretanto, ela não demonstra interesse nessa riqueza. Quando o seu primo, Conrado, lhe procura para saber se ela está precisando de dinheiro, ela nega. O narrador destaca Dourado (2010, p. 88): “Conrado cuidava bem da fazenda da prima Biela. Suas posses tinham aumentado muito, ela não gastava quase nada, nunca lhe pedia dinheiro, não tinha necessidade de coisa alguma.” Essa ausência de interesse no seu dinheiro é uma forma de resistência à nova vida. A

personagem não quer desapegar da Fazenda do Fundão, ela gosta da sua simplicidade.

Biela desenvolve sua autonomia ao longo da narrativa, mesmo de uma forma limitada. Ela cansa das normas que lhe são impostas e passa a ter pequenas atitudes que simbolizam a sua autonomia. Gostaríamos de ressaltar que a questão da autonomia feminina é o que difere o Regionalismo do Neorregionalismo. Nas obras regionalistas, as personagens ficam à sombra dos personagens masculinos e não ganham destaque de protagonistas. Nas obras neorregionalistas as personagens ganham um destaque maior no enredo, assumindo o papel de protagonista e apresentando atitudes relacionadas à autonomia. A obra analisada apresenta características tanto do Regionalismo como do Neorregionalismo. Por essa razão, nos referimos a ela como (Neo)regionalista.

Biela tem atitudes que ilustram a sua autonomia, mesmo que de forma sutil. São os pequenos gestos que demonstram esse aspecto. Quando ela decide voltar a vestir suas roupas antigas, é uma forma de autonomia. A personagem subverte as normas de gênero estabelecidas pelo patriarcado. Essa é uma tentativa de manter sua identidade que estava sendo anulada. Ela até tentou atender às expectativas impostas pela sociedade, mas não conseguiu mudar seus valores. Essa atitude de voltar a vestir suas roupas antigas representa o seu desejo de preservar sua identidade.

A personagem decide parar de tentar agradar à família, especialmente Constança, e passa a tomar atitudes que dão indícios de certa autonomia. Ela decide passar a fazer as refeições com os empregados na cozinha. Esse é um gesto que causa incômodo em Constança e que vai contra as normas sociais. Como Biela faz parte da família, o “correto”, de acordo com a sociedade patriarcal, seria que ela fizesse as refeições junto dos demais membros da família. Essa atitude é uma forma de subverter as regras impostas e colabora para a construção da autonomia da personagem. Iremos destacar esse aspecto no tópico seguinte.

5.6 Confronto com normas sociais

A obra *Uma Vida em Segredo* representa uma sociedade sexista e patriarcal. Autran Dourado retrata os papéis de gênero que foram atribuídos às mulheres na sociedade mineira. A narrativa demonstra o cuidado que as mulheres devem ter com

a aparência e o zelo pelo lar, além de terem que ser submissas ao marido. O autor expõe aspectos relacionados à sociedade da época.

A personagem Biela apresenta atitudes que são uma forma de confronto com as normas sociais. A primeira atitude significativa de Biela, que funciona como uma subversão às normas do patriarcado, corresponde a voltar a utilizar os seus vestidos antigos. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p.78): “Levantou-se da canastra, foi até o espelho. Viu-se no espelho metida num vestido emprestado, num vestido que não era dela. Com que então era aquilo que queriam que ela fosse? Não, eles vão ver.” A partir desse momento, a personagem toma consciência do papel que está fazendo. Percebe que está assumindo uma personalidade que não é sua e, em consequência, está anulando sua identidade. Biela rasgou o vestido com que estava vestida e chorou, por ter se sujeitado a passar por essa mudança. Com essa atitude, se sente aliviada, como se tivesse se libertado.

Discutimos que, de acordo com Lerner (2019), o patriarcado é um sistema que, para funcionar, depende da cooperação das mulheres. Biela colaborou com esse sistema até certo ponto. Quando ela percebe que está fazendo papel de “boba” e sendo motivo de riso, decide voltar às suas origens. A personagem, ao decorrer da narrativa, tem sua voz silenciada, é subalterna e busca atender às mudanças impostas por Constança. Entretanto, não consegue agradar por completo à família, o que lhe causa frustração e percebe que não adianta tentar mudar sua identidade. Por mais que tente, Biela não consegue se sentir à vontade com os costumes da sociedade urbana.

A personagem não corresponde às expectativas criadas por Constança. Quando ela percebe que está anulando sua identidade e vestindo uma máscara social só para se encaixar, decide não obedecer mais às normas de gênero. A segunda atitude significativa de Biela corresponde ao momento em que ela decide fazer suas refeições com os empregados da família. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 84): “Quando Constança mandou avisá-la que a janta estava na mesa, a prima Biela disse secamente pode dizer que não vou não. Vou comer aqui mesmo. Dagora em diante eu como cá na cozinha, sentada neste pilão”.

Ela criou uma amizade com os empregados da casa, com eles se sente à vontade para compartilhar suas lembranças da vida interiorana. Joviana e Gomercindo possuem a mesma cultura que a moça. Essa atitude de Biela de dizer que vai começar a fazer suas refeições na cozinha representa um enfrentamento às

normas sociais. Constança não gostava da amizade dela com os empregados, por ela ser da família, as suas refeições deveriam ser feitas junto com os demais membros do núcleo familiar. Conrado fica indignado com a atitude da prima e pede para a esposa ir chamá-la. Entretanto, Constança não interfere. Não busca convencer Biela, pois compreende que seria uma perda de tempo. Essas atitudes de Biela expressam um rompimento com o seu núcleo familiar e representam sua autonomia.

Brito (2017) aborda que a insubordinação em comparação com a cultura do patriarcado é uma característica que diferencia as obras neorregionalistas das regionalistas. Por mais simples que possam parecer, essas atitudes de Biela mudam a narrativa. Ela decide que não vai mais aceitar a imposição das regras sociais e se fecha para interações com os seus familiares. Biela encontra o seu “mundo” quando interage com os empregados. Eles se entendem. Ela não se sente julgada e diferente quando está com eles. Aspecto que ocorre quando está junto de sua família.

Friedan (1971) aborda que na mística feminina as mulheres são induzidas a cuidarem da aparência para atrair o melhor pretendente. Notamos que Biela não tem essa vaidade de cuidar de si para atrair um marido, na verdade, o casamento não é o seu sonho. Ela gosta de sua solitude. A narrativa apresenta uma semelhança com a mística feminina que Friedan descreve, porém, Biela se opõe às normas patriarcais. Essa oposição é uma forma de desconstruir o patriarcado. A personagem decide parar de se submeter às transformações que são regras da sociedade. Para uma mulher ser aceita e bem vista, deve seguir os padrões, caso contrário ela é marginalizada.

A forma de Biela resistir ao sistema patriarcal ocorre de maneira sutil. A terceira atitude da personagem é a que consideramos mais “drástica.” Ela decide se mudar para o quarto dos fundos da casa. Um quartinho que funciona como uma despensa. Esse ato representa um rompimento com os laços familiares, que já eram estreitos e ficam ainda mais restritos. Biela passa a interagir somente com Mazília, filha de Conrado. A única pessoa da família com quem ela conseguiu manter uma boa relação. Essa mudança representa um reencontro com o seu “eu” interior. Ela busca estar mais próxima dos seus semelhantes, os empregados.

Outro ato de Biela que representa uma subversão às normas sociais é quando ela passa a executar serviços em troca de alguns trocados, sendo que ela é uma mulher rica, herdeira de uma fazenda. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 88):

Prima, você precisa de algum dinheiro? Prima Biela encarou-o desconfiada, achava que tudo estava indo muito bem. Desde que a deixaram em paz, não tinha de que se queixar. Careço não, primo, disse, tenho alguns. Eu sei, disse Conrado. É que eu soube de umas coisas que não ficam bem, nem pra você nem pra nós. Que é que tinham ido contar pra ele? Pensou rápida Biela. Me disseram, continuou Conrado, que você anda recebendo dinheiro pra trabalhar na casa dos outros

Biela diz que não necessita do próprio dinheiro, mas aceita dinheiro em troca de serviços que ela executa na vizinhança. Esse hábito foi uma forma que ela encontrou de se revoltar contra o sistema patriarcal e as normas que ditam o papel da mulher. Ela passa a agir de acordo com sua vontade e deixa de cooperar com o sistema patriarcal.

A mística feminina, conceito abordado por Friedan, representa a marginalização de Biela. A jovem é pressionada a mudar sua identidade para se adequar aos padrões de feminilidade. A violência simbólica se faz presente quando a personagem é induzida a passar por transformações. Entretanto, ela rejeita os papéis que lhe são impostos e decide parar de viver em função dos outros. As atitudes citadas são uma forma que ela encontrou de subverter as normas de sua época.

A autonomia de Biela é desenvolvida de maneira sutil, pois embora não concorde com as normas de gênero, sente um respeito pelos familiares. Por isso, não busca enfrentá-los diretamente, no início da narrativa. O silêncio também pode ser considerado uma forma de confronto às normas sociais, mesmo que indiretamente. No início do enredo, a protagonista aceita as imposições em silêncio. Essa foi uma maneira que encontrou de preservar sua singularidade. Quando fica sozinha no seu quarto, busca resgatar lembranças de sua vida na zona rural. Esse é um meio que encontrou de se apegar ao passado e lembrar-se de suas origens. Foi através dessas reminiscências que Biela se encorajou a não aceitar mais a submissão do patriarcado. Por essa razão, o silêncio também teve sua importância para o despertar de sua autonomia.

A personagem conversa consigo mesma e busca consolo em seus objetos pessoais. Isso lhe fez tomar atitude de encarar a situação em que se encontrava. Hooks (2018) aborda o papel da educação e, de grupos de conscientização informais sobre o feminismo. Biela não teve acesso à educação e por se tratar de uma obra cujo enredo se passa em uma sociedade patriarcal, o feminismo não é citado diretamente. Porém, o autor faz críticas sutis às normas de gênero. Quanto aos grupos de

conscientização que Hooks descreve, traçando um paralelo com a obra, compreendemos que os encontros de Biela com os empregados da família desempenham um papel semelhante ao de um grupo de conscientização. Pois, foi a partir desses encontros e conversas que ela encontrou o seu “mundo.” Sentiu-se acolhida por pessoas que vivenciaram as mesmas experiências que ela. Por meio dessa relação, a personagem passou a compreender que não havia necessidade de modificar-se para ser “gente.” Ela apenas estava inserida no meio social errado, quando se encontra com os seus semelhantes, toma consciência de que não precisa anular sua identidade para se encaixar em padrões impostos pela sociedade.

O narrador demonstra a opressão que ela sofre através da linguagem. A descrição utilizada por ele nos faz compadecer diante da situação que a personagem enfrenta. Autran Dourado utiliza uma linguagem simples e ditos populares típicos de Minas Gerais. Consideramos a trajetória de Biela envolvente e cativante. O autor faz uso de expressões locais para descrever suas personagens, especialmente Biela. Aborda a tradição mineira e demonstra problemáticas sociais como a questão do casamento arranjado e a falta de acesso à educação, que é o caso de Biela. Uma personagem analfabeta que chega à cidade sem saber assinar o próprio nome. O recurso a ditos populares é uma característica importante da narrativa que representa a cultura da região mineira. O narrador destaca Dourado (2010, p. 42): “Ela nasceu assim, encruou, tem de morrer assim. Pau que nasce torto, só machado endireita.” Esse trecho faz parte de um diálogo que Conrado tem com Constança sobre Biela. Ele busca consolar a esposa por não ter conseguido transformar a prima em uma mulher mais feminina.

As expressões do interior de Minas Gerais colaboram na construção da personalidade de Biela. No decorrer do enredo, o narrador utiliza expressões regionais como essa citada anteriormente e outras: “Quanta vela de libra queimada com mau defunto” e “O que é bom já nasce feito, formiga não tem caroço.” Essa característica demonstra uma linguagem impregnada de regionalidade e descreve a identidade de Biela. A linguagem utilizada pelo autor é uma maneira de provocar a compaixão pela personagem. Uma jovem oriunda do interior que chega à cidade e precisa adaptar-se para ser aceita na sociedade. A forma como o narrador descreve as situações questiona o papel da mulher na sociedade. Biela não pode escolher a própria maneira de levar a vida. Isso se constitui como uma opressão.

As expressões regionais que mencionamos são uma forma do narrador descrever a construção da subjetividade feminina e também funcionam como uma espécie de denúncia da opressão social. Através desses ditos populares, compreendemos como foi formada a identidade de Biela. A jovem cresceu na roça, isolada do convívio com outras pessoas. Foi criada pelo pai, pois perdeu a mãe na infância. Biela não teve um exemplo de figura feminina para se inspirar. Ela não tinha uma referência de “modelo” feminino. Seu pai é descrito como um senhor que tinha ataques de fúria. Por esse motivo, ela não é delicada e feminina como Constança gostaria que ela fosse. Ela não foi educada para ser assim. Esse dito popular “Pau que nasce torto, só machado endireita.” Funciona como uma metáfora que foi utilizada para comparar Biela a uma árvore que possui suas raízes fixas em um local e não tem como ser modificada. Pois, vai contra sua natureza.

A expressão “quanta vela de libra queimada com mal defunto.” Representa a insatisfação de Constança por ter investido tempo e vestidos caros para modificar a identidade de Biela e não ter conseguido mudar sua essência. Ela tentou moldar Biela de acordo com os papéis de gênero, mas fracassou. A personagem não conseguiu desapegar-se de suas origens, de suas raízes interioranas.

“O que é bom já nasce feito, formiga não tem caroço”, demonstra que as coisas boas da vida não precisam ser ajustadas, o que é bom é bom por natureza. Esse dito popular refere-se a Biela e revela que, por mais que Constança se esforce, Biela não seria feminina e delicada o suficiente, pois foi criada em uma cultura diferente. Quanto à expressão “formiga não tem caroço” enfatiza que uma pessoa boa já nasce pronta e sem necessidade de certos elementos, como um caroço para uma formiga. No caso de Biela, é como se, na concepção de Constança, ela tivesse nascido cheia de imperfeições e por isso não consegue modificar sua natureza.

As expressões citadas são uma forma que o narrador utiliza para descrever a subjetividade feminina e enfatizar a violência simbólica que a personagem sofre, que se constitui como uma forma de opressão social. Ele descreve como ela se sente diante das imposições, e as sensações da personagem representam uma universalidade. Autran Dourado retrata uma temática necessária, como a marginalização da mulher na sociedade patriarcal. Ele escreve sobre um assunto sensível, de maneira leve, e aborda, através de Biela, as vozes das mulheres que foram silenciadas ao longo da história, por conta da estrutura de dominação do patriarcado.

Na obra, há uma passagem significativa em que o narrador faz uma denúncia sutil à opressão social vivenciada pelas mulheres da sociedade. Quando Biela decide que vai fazer suas refeições com os empregados, Conrado não aceita e manda que Constança vá chamar a prima, como exposto no trecho abaixo Dourado (2010, p. 84):

O lugar dela é aqui na mesa. Ela é da família, não é criada. E voltando-se para a mulher, Constança, vai lá dentro chamar ela. Que eu estou mandando, não estou pedindo. Constança não arredou pé. Pela primeira vez resolvia enfrentar o marido, contrariá-lo na presença das filhas. Tinha certeza de que prima Biela não viria. A cena podia ser pior do que a que ela agora assistia. Não vou, Conrado. Não vou não. Você tem que se acostumar com a ideia. Prima Biela quer comer na cozinha. Que coma na cozinha. Isto é lá com ela. Cada um escolhe o mundo em que quer viver. Depois, ela agora é maior, é dona do seu nariz. Se quiser, pode até ir embora daqui. A gente não pode impedir. Você cuida dos negócios dela, da fazenda, porque quer. Ela não é sua filha.

A fala de Conrado manifesta a submissão em que Constança vive. Subordinada ao marido, mas a atitude de se negar a obedecer ao marido expressa o cansaço que a personagem estava de ser “boazinha” e obediente. Durante a narrativa, essa é a única vez que Constança tem coragem de enfrentar o marido. A personagem se revolta e acaba assustando os filhos que presenciavam a situação. Eles pensaram que o pai iria revidar a situação, mas ele manteve-se em silêncio. Pela primeira vez, Constança demonstrou uma atitude de autonomia. Ela compreendeu que não adiantaria insistir para que Biela fizesse as refeições com eles, pois a moça se identifica e tem laços afetivos com os empregados.

A atitude da personagem contribui para uma denúncia sutil da opressão social. Conrado é o provedor da família. A função de Constança é cuidar dos filhos, da aparência, frequentar as missas e ser obediente ao marido. Viver na submissão era a função da mulher nesse contexto. O ato do narrador de apresentar esse confronto entre a esposa e o marido é uma forma de criticar o papel da mulher na sociedade. O autor chama a atenção de forma sutil, para as vozes que foram silenciadas pelo patriarcado no decorrer da história.

A obra *Uma Vida em Segredo*, apresenta características do Regionalismo, uma vez que é carregada da linguagem e cultura de Minas Gerais. Aborda problemáticas sociais como a questão da falta de acesso à educação por parte das pessoas da zona rural, aspecto que fica evidente através da personagem Biela, que chega à zona

urbana sem saber assinar o próprio nome. Além disso, retrata a questão do casamento arranjado e a marginalização da mulher. Entretanto, a obra também possui aspectos do Neorregionalismo. Tendo em vista que o enredo apresenta a transição do espaço rural para o espaço urbano, além de apresentar nuances que representam a questão da autonomia da personagem Biela, mesmo que de forma sutil. Essas duas características diferenciam o Neorregionalismo do Regionalismo, quanto à memória cultural, é um aspecto que está presente em ambos e também constitui a narrativa.

Quando Biela decide parar de tentar se encaixar nos padrões da sociedade, passa a tomar suas próprias decisões. Faz amizade com outros criados além de Gomercindo e Joviana. Ela decide começar a fazer suas próprias visitas e amplia o seu ciclo social. Em meio às pessoas simples, ela se encontrou. Saía de casa para ajudar na casa de suas comadres. Prestar serviços para os outros foi uma forma que ela encontrou de ser útil, pois se sentia subalterna na casa dos primos. Biela passa a ser um pouco mais feliz ao se tornar mais livre e, com o passar do tempo, começa a sentir o peso da idade. Passa a sentir dor nas costas com frequência e desenvolve reumatismo. Conforme descrito na narrativa Dourado (2010, p. 85):

BIELA DESCIA A RUA DA IGREJA. Rente ao muro, enrolada no xale preto que lhe cobria a cabeça e os ombros, procurava se abrigar do ventinho frio. Era junho e o vento assobiava fino, cortante, açulava as árvores dos quintais, descia zunindo as ruas vazias, balançava as lâmpadas dos postes. Tinha muito medo de vento, ainda mais de um ventinho constante assim, por causa da friagem. Ela que andava tão achacada de tosse e de reumatismo.

O trecho destacado representa a atmosfera e ambiência que a estação do inverno possui. Biela sente medo dessa estação, por conta do frio que poderia lhe fazer mal. Ela desenvolve uma rotina de fazer visitas na casa de membros da sociedade, mas para encontrar os criados dos patrões. Em alguns casos, ela entra pela porta dos fundos. Mantém longas conversas com suas amigas e acaba voltando tarde da noite para casa, porém não tem o hábito de dormir fora de casa, pois apesar das diferenças, não queria preocupar os primos.

Certo dia, voltando para casa, encontrou um cachorro na rua, como o narrador descreve Dourado (2010, p. 99):

Ara, disse, é ocê, e olhou para um cachorro magro escaveirado que se sentou sobre as patas traseiras feito aquele outro cachorro do gramofone. O focinho para cima, a boca aberta, a língua comprida de fora, os olhos relumiando fixos nela, o cachorro esperava alguma coisa. Chípíte, disse assustando o cachorro. O cachorro fez que ia, mas não ia, rodou em si mesmo, ficou ali ganindo, o focinho farejando o chão.

A personagem fica doente e tosse bastante, os seus amigos lhe incentivam a buscar ajuda de um médico, mas ela se recusa. Biela tenta espantar o cachorro, mas ele permanece lhe seguindo, então ela percebe que ele está machucado e decide levá-lo para casa para cuidar dos carrapatos e ferimentos. O cachorro lhe causa compaixão e ela cria uma identificação com ele. Portanto, decide adotá-lo. Biela transfere para ele todo o seu amor e carinho. Decide nomeá-lo de Vismundo. Esse nome carrega uma simbologia. A personagem escolheu esse nome por acreditar que o cachorro seria sua companhia e lhe auxiliaria na forma de encarar o mundo. Biela desenvolveu um amor imenso pelo animal e cuidou dele como se fosse seu filho.

Ela é uma personagem carente de amor e afeto. Perdeu a mãe na infância e não há lembranças positivas relacionadas ao pai. Ela só se sentiu amada verdadeiramente quando adotou o cachorro. O Vismundo se tornou seu melhor amigo e confidente. Ela adestrou o animal e juntos construíram uma relação de afeto que Biela ainda não havia experienciado. Ele foi essencial para torná-la mais feliz.

A protagonista ficou muito doente, as suas amigas lhe incentivam a buscar ajuda médica, mas ela se recusa. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 110): “Nunca tinha visitado médico; na roça, como o pai, recorria a curandeiras, gente que fazia de tudo, desde curar bicheira de boi a tratar da gente.” Mesmo morando na cidade, Biela resiste à cultura em que estava inserida e permanece fiel a sua tradição interiorana. Por se recusar a buscar ajuda, ela foi ficando cada vez mais doente. Foi definhando no quarto. Vismundo se fez presente ao lado da dona. Ele não larga Biela. Fica ao seu lado, lhe confortando em meio à dor e solidão.

Constança passa a notar que Biela não estava mais saindo do quarto e se preocupa com o seu estado de saúde. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 111):

Foi vê-la no quarto, Biela não ia nem mais à cozinha, mal provava a comida que Gomercindo lhe levava. Meu Deus do céu, disse Constança ao ver aquela figurinha escaveirada tremendo e tossindo debaixo da coberta. Os cabelos soltos aumentavam a palidez, o aspecto fúnebre de prima Biela. E o cheiro abafado do quarto, a janela cerrada. Prima Biela, vou chamar hoje mesmo o dr. Godinho para ver você. Isto não pode continuar mais assim. Não adianta querer, vou chamar de qualquer jeito.

Biela não responde, pois estava tendo delírios de febre. Quando o Dr. Godinho chega e faz perguntas para Biela na tentativa de saber se ela estava consciente, mas percebe que o seu estado é grave e afirma ser necessário levá-la para a Santa Casa. Biela recebeu injeções ao chegar à Santa Casa e teve melhoras significativas. Logo, pediu para ver o Vismundo. O Gomercindo levou o cachorro até ela. A presença dele confortou o coração da personagem, que passou a sentir vontade de viver pelo cãozinho. As suas comadres também foram lhe visitar, mas o médico suspendeu as visitas, pois ela precisava descansar.

Conrado foi lhe visitar no dia seguinte, junto de Tabelião, e perguntou o que ela queria fazer de seus bens. Ele registrou tudo em um livro assinado com seu nome: Gabriela da Conceição Fernandes.

Biela faz um último pedido para o seu médico. Não gostava de ficar sozinha e gostaria de ser transferida para a enfermaria dos indigentes que ela costumava visitar. Conrado fica bravo com essa decisão e tenta colocar sua autoridade em jogo. De acordo com as palavras do narrador Dourado (2010, p. 114): “Conrado não se conteve. Era demais, naquilo não cederia. Tudo menos isto, sua prima com os indigentes. Ela que podia pagar por todos. Depois, que haviam de dizer dele?”. Esse ato de Biela representa a sua ânsia por liberdade e o quão desenvolveu sua autonomia ao decorrer da narrativa. Decide que o melhor para si é ficar junto de pessoas que estavam na mesma situação que ela. Conrado se sente diminuído socialmente. Na sua concepção, não era certo uma pessoa de posses como Biela estar junto de indigentes. Esse último ato da personagem representa um confronto com as normas sociais. Uma vez que ela enfrenta o próprio primo no leito de sua morte.

Conrado queria fazer valer sua autoridade, mas o médico fica do lado de Biela e decide atender à vontade da paciente. O primo grita para que todos pudessem ouvir que ele podia pagar pelo quarto de Biela. Ele considera uma humilhação Biela se sujeitar a ficar em um quarto ao lado de pessoas de uma classe social inferior à sua.

Biela, mesmo estando frágil e doente, tem seu último ato que representa sua autonomia feminina em forma de confronto às normas sociais. Ela conseguiu fazer com que sua vontade fosse atendida, mesmo seu primo tendo mais autoridade. A personagem foi transferida de enfermaria, mas teve uma piora em seu estado de saúde.

A família decide chamar o padre Joel para orações. O padre começa a passar óleo bento em Biela, tanto na boca como nos ouvidos, nariz, mãos e pés. Aos poucos, Biela foi fechando os olhos e aceitando o seu fim. O narrador destaca Dourado (2010, p. 115):

Viu não mais com os olhos, esses estavam para ela fechados, umas manchas brancas deslizando rápidas. Um pasto muito verde onde as manchas se mudavam em figuras quase fluidas. E essas figuras pairavam sobre o verde, sustentadas em nada, contra um céu azul onde voavam pássaros em círculo. Começou a ouvir uma música de harmonium, um latido alegre de cachorro. E, num rápido instante, passaram por ela Mazília toda vestida de branco no seu vestido de noiva, a mãe sem rosto cantando a sua cantiga. O último a se fundir no azul foi Vismundo, que ainda perseguia os derradeiros pássaros do céu.

Nesse momento, Biela começa a ter lembranças de sua vida em segredo. Passa as cenas em sua mente. Reminiscências quando morava na Fazenda do Fundão e de quando chegou à cidade. Gabriela morre com suas convicções. Parte tranquila e serena por ter resistido às normas sociais e ter vivido sua vida pautada em suas crenças.

5.7 A temática da mulher no Regionalismo literário

Biela é uma personagem extraordinária que nos convida a refletir sobre a questão da marginalização da mulher na sociedade patriarcal. Na literatura brasileira, há outras obras literárias que abordam essa temática, como por exemplo, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

A década de 1930 corresponde aos romances denominados como neorrealistas, pois as obras dessa época abordam características tanto do realismo como do naturalismo do século XIX. As obras desse período ilustram o atraso cultural que o Brasil estava enfrentando. Abordam temáticas sociais, as personagens desse

período buscam realizar mudanças no seu meio social e/ou se tornam vítimas do meio em que estão inseridas. Graciliano Ramos, assim como Autran Dourado, aborda uma temática universal, através de uma linguagem regional. Ambos apresentam personagens que vivenciam a sociedade patriarcal. Ao contrário de outros escritores regionalistas, os dois autores não focam em meras descrições das paisagens. Os dois escritores exploram em suas obras o realismo social de uma sociedade patriarcal. Em ambas as obras, as personagens são utilizadas como uma forma de denúncia social contra uma cultura que prega normas opressoras.

Nas duas narrativas, o patriarcado se constitui e ambas apresentam como esse sistema funciona sobre a dominação e opressão. Lerner (2019) aborda que esse sistema criou um conjunto de normas sociais que favoreceram a desigualdade entre os sexos. Aos homens foi atribuído o papel de provedor e dominador e às mulheres assumiu o papel de submissas e subalternas. Nos dois enredos, a função das mulheres é a mesma: cuidar dos filhos e do lar. Enquanto o homem exerce o papel de mandar na mulher e governar os negócios da família.

Os autores conseguem retratar a rede de relações que se formam por meio da dominação. Em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, percorremos junto de Paulo Honório a trajetória dele. O espaço é essencial na narrativa, assim como na obra *Uma Vida em Segredo*. É através dele que as mudanças são provocadas no desenvolvimento de ambas as narrativas. A literatura regional representa um momento revolucionário que aborda mazelas sociais. Nesse sentido, as duas obras apresentam problemas sociais.

Madalena, por ser uma intelectual, apresenta uma “ameaça” para o marido, pois ele não teve acesso à educação. O fato de sua esposa possuir acesso à educação e ele não, é algo que vai contra as normas do patriarcado, é uma espécie de ameaça à sua autoridade. Nesse quesito, as duas narrativas apresentam uma questão relevante: a falta de acesso à educação, uma vez que Biela também não teve acesso à educação formal. Madalena enxerga a oportunidade do casamento como um meio de recompensar sua tia por ter lhe dado oportunidade de ter acesso à educação. Esse aspecto é semelhante à proposta de Lerner (2019) que estabelece o casamento como uma transação. As famílias enxergam o casamento como um meio de mudar de vida.

Paulo é movido pelo ciúme possessivo que sente de sua esposa. Na narrativa de Graciliano Ramos, assim como na de Autran Dourado, há ocorrência da violência

simbólica. Nas duas narrativas, ocorre uma tentativa por parte da sociedade de naturalizar a desigualdade dos papéis de gênero. Nas duas obras, o silêncio é utilizado como uma “arma”, um meio que as personagens, Biela e Madalena, encontraram de se defender. Madalena compreende que tem crenças e valores diferentes dos de seu marido, por isso permanece em silêncio, quando ele lhe faz questionamentos.

No caso de Biela, acontece a mesma coisa. Ela percebe que foi criada de uma forma diferente de Constança e, por isso, ela não compreendia seus sentimentos. Madalena, assim como Biela, é uma personagem que foge dos estereótipos esperados em relação ao comportamento das mulheres da época. No caso de Biela, seus valores e crenças se opõem aos de Constança. Enquanto no caso de Madalena, há uma oposição entre os seus valores e os de Paulo Honório.

O suicídio de Madalena foi uma forma que ela encontrou de se calar para sempre. Seu ato atormenta o marido, que após a perda entra em estado de solidão. Graciliano Ramos e Autran Dourado expõem a complexidade das relações humanas em um contexto patriarcal, abordando as vozes das mulheres que foram silenciadas ao longo da história. Vítimas das normas de gênero do patriarcado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa *Uma Vida em Segredo*, de Autran Dourado, aborda temas relacionados à marginalização da mulher e à invisibilidade social a partir da trajetória da protagonista, Biela. A narrativa ocorre em uma sociedade patriarcal em que as normas de gênero ditam como cada pessoa deve adotar de acordo com o seu sexo, ao perpetuar e reforçar ideias e expectativas sociais muito restritivas que limitam o que a mulher pode fazer.

No contexto da obra em questão, Biela é marginalizada por não corresponder às expectativas sociais e familiares impostas por uma sociedade regida por ideias patriarcais. O gênero, enquanto construção social, atua como um mecanismo de exclusão que reforça sua condição de marginalidade. Ao rejeitar as normas de gênero impostas pelo sistema patriarcal, Biela é excluída socialmente.

Autran Dourado utiliza uma linguagem regional repleta de ditos populares de Minas Gerais. Essas expressões contribuíram para que pudéssemos entender a subjetividade da protagonista. Além disso, as expressões locais usadas para se referir a Biela constituem-se como uma forma de denúncia contra a opressão social que ela enfrenta ao tentar e não conseguir se encaixar nos padrões impostos pelo patriarcado.

Embora inicialmente aceite as imposições das normas de gênero, aos poucos Biela passa a perceber que está anulando sua identidade para se “encaixar” em um padrão que não lhe agrada. Por essa razão, a personagem passa a tomar atitudes que subvertem essas normas de gênero, como, por exemplo, volta a vestir seus antigos vestidos e decide fazer suas refeições com os empregados da casa. Essas atitudes são uma forma de confrontar as normas sociais do patriarcado.

A temática abordada é necessária para nos ajudar na compreensão de como ocorrem as questões de gênero na contemporaneidade. É relevante discutirmos esse assunto, pois se trata de uma forma de evidenciarmos os problemas causados pela desigualdade de gênero. Narrativas como *Uma Vida em Segredo* nos ajudam na reflexão sobre o passado e na compreensão sobre o presente. Pesquisas como esta evidenciam essas questões sociais e demonstram que a literatura pode ser utilizada como uma ferramenta de conhecimento e conscientização sobre como combater o sistema patriarcal.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. 2008. **Revista Letras**, 74. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rel.v74i0.10955> . Acesso em: 11 nov. 2024.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. LEITURAS SOBRE REGIONALISMO E GLOBALIZAÇÃO. **Imburana: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 23–31, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imbura/article/view/6050> . Acesso em: 11 nov. 2024.

AZEVEDO, Daniela de. **Aspectos da tradução em língua inglesa de Uma Vida em Segredo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7883520 . Acesso em: 11 nov. 2024.

BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p. 13-67.

BRAGA, Herasmo de Oliveira Brito. **Neorregionalismo brasileiro**: análise de uma nova tendência da literatura brasileira. Teresina: EDUFPI, 2017.

CHIAPPINI, Ligia. Regionalismo(s) E Regionalidade(s) num mundo supostamente global. In: MARCIEL, Diógenes André Vieira. **Memórias de Borborema 2**: internacionalização do regional. Campina Grande: Abralic, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Literatura e subdesenvolvimento

DOURADO, Autran. **Uma Vida em Segredo**. Rio de Janeiro. Rocco, 2010.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis, RJ. Vozes Limitada, 1971.

HOOKE, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado. In: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019. cap. (11), p. (292-312). Disponível em:

<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/07/criacao-patriarcado.pdf> . Acesso em: 30 out. 2024.

LIRA, Rhusily Reges da Silva. **Palavras-imagens neorregionalistas: convergências entre a literatura de Francisco Dantas e as pinturas de Alfredo Vieira**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021. Disponível em: www.sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=12971807 . Acesso em: 11 nov. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PEREIRA, Elizabeth Marly Martins. **Um presente de Morfeu? A insólita gênese de Uma vida em segredo**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2014. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2277263](http://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2277263) . Acesso em: 11 nov. 2024.

PIRES, Sayara Saraiva. **A hora e a vez de Augusto Matraga: do universo rosiano à adaptação fílmica de Vinícius Coimbra**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2020. Disponível em: <https://sistemas2.uespi.br/bitstream/tede/317/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Completa.pdf> . Acesso em: 11 nov. 2024.

REIS, Gizeli Rezende dos. **Do fundão à cidade: a construção do espaço de Biela em Uma vida em segredo, de Autran Dourado**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2019. Disponível em: https://www.unincor.br/images/imagens/2019/mestrado_letras/dissertacaogizeli.pdf . Acesso em: 11 nov. 2024.

RICHARTZ, Terezinha. Patriarcado e violência na obra *uma vida em segredo*. **Revista Recorte**, Três Corações, v. 13, p. 94-107, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5524810> . Acesso em: 10 dez. 2024.

SCHERER, Daniela Raffo. *Uma vida em segredo: aspectos da recepção*. **Arredia**, Dourados, v. 5, n. 8, 2016. Disponível em: www.ojs.ufgd.edu.br/arredia/article/view/4898/2780 . Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, Ilca Pereira da. **Deslocamento espacial e Heterogeneidade cultural em Uma Vida em Segredo, de Autran Dourado**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2742791](http://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2742791) . Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVA, Joselene Vaz da. **Memória e identidade em Uma vida em segredo de Autran Dourado**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015. Disponível em: <https://sucupira->

legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3219796. Acesso em: 11 nov. 2024.